



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL
- PROFLETRAS

TÉLIA BATISTA CAVALCANTE

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E FORMAÇÃO DE LEITORES: LEITURA LITERÁRIA
NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Araguaína (TO)
2019

TÉLIA BATISTA CAVALCANTE

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E FORMAÇÃO DE LEITORES: LEITURA LITERÁRIA
NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – Universidade Federal do Tocantins (área de concentração: Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes), como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Valéria da Silva Medeiros

Araguaína (TO)
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

C376c Cavalcante, Têlia Batista.
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E FORMAÇÃO DE LEITORES:
LEITURA LITERÁRIA NAS SERIES FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL . / Têlia Batista Cavalcante. – Araguaína, TO, 2019.
137 f.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do
Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-
Graduação (Mestrado) Profissional em Letras Ensino de Língua e
Literatura, 2019.

Orientadora : Valéria da Silva Medeiros

1. Contadores de histórias. 2. Protagonismo juvenil. 3. Incentivo à
leitura. 4. Mediadores de leitura. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que
citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

TÉLIA BATISTA CAVALCANTE

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E FORMAÇÃO DE LEITORES: LEITURA LITERÁRIA
NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL


Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – Universidade Federal do Tocantins. Área de concentração: Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes, foi avaliada para a obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação: 29 / 08 / 2019

Banca Examinadora:


Prof.ª Valéria da Silva Medeiros
UFT, Campus de Araguaína - Curso de Letras
Matrícula SIAPE 1513750

Prof.ª. Dr.ª. Valéria da Silva Medeiros (Presidente e orientadora) – UFT


Prof.ª. Dr.ª. Elza de Sá Nogueira (membro titular externo) – UFJF

Prof. Dr. Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (membro titular interno) – UFT

Dedico esta dissertação aos meus pais pela criação e amor que me deram. Os primeiros contadores de histórias da minha vida. Amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Há muitos e muitos meses iniciei uma jornada em busca de conhecimento. Venho agradecer as maravilhas encontradas pelo caminho:

A Deus, por ter me abençoado sempre, colocando pessoas especiais em minha vida e dando saúde e forças para superar os obstáculos.

Ao meus pais, Marinalva e Francisco, pela paciência e compreensão nos momentos em que estive ausente para a escrita deste trabalho, pelos abraços nos momentos de choro, por sentirem minhas tristezas e minhas alegrias, por cuidarem de mim sempre. Amo vocês.

Ao PROFLETRAS, por oportunizar aos professores da rede pública de ensino um Mestrado de qualidade, acreditando na nossa formação para melhoria da educação básica.

À CAPES, pela contribuição financeira destinada à pesquisa. Obrigada pela seriedade e crença na ciência e tecnologia.

À minha querida orientadora, Valéria da Silva Medeiros, uma professora maravilhosa com quem pude aprender muito nas aulas e fora delas (entre lanchinhos e orientações). Eternamente grata pela paciência e apoio nos momentos difíceis. Uma heroína nessa linda história.

À coordenadora do PROFLETRAS, Luiza Helena Oliveira da Silva.

Aos professores da UFT que se dispuseram a trabalhar no Programa, por dividirem sabedorias conosco, risadas e até broncas. Tudo em prol de nos proporcionar o melhor ensino para que buscássemos novas formas de trabalhar em sala de aula. Admiro muito cada um de vocês.

Aos professores membros da minha Banca Examinadora, Prof^a. Dr^a. Elza de Sá Nogueira e Prof. Dr. Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira, pelas contribuições que enriqueceram o modo de ver trabalho acadêmico.

Ao meu irmão e às minhas irmãs, Francisco José, Marilu e Marilea, e aos sobrinhos e sobrinhas, Stefani, Gabriel, Maria Eduarda e Pedro, pelas palavras de incentivo e colaboração.

Ao Jhonatan, que me deu força quando quis desistir de tudo, pela paciência nos meus momentos de histeria, por me forçar a sentar para escrever sem me deixar levantar da cadeira, caso não terminasse a quantidade de páginas impostas por ele (nem sempre consegui cumprir). Você foi importante para que concluísse essa etapa.

Aos amigos que conheci no curso e que levarei para o resto da vida. Vocês conseguiram me alegrar nos momentos difíceis. Grata pelas orientações e por ouvir meus desabafos. Em especial à Aline, Andreia Francisca, Josilene e Elisangela. Vocês já moram no meu coração.

Às minhas amigas mais antigas, Angra, pela força e compreensão nos momentos em que não pude estar presente em sua vida; Rosimeire, pessoa com quem aprendi técnicas teatrais, grande incentivadora em todos os setores da minha vida; e Kelly, sempre com palavras sábias, de profundidade tamanha, uma mulher guerreira, incrível, que sempre me consola e me tranquiliza. Obrigada a todas por me permitirem essa linda amizade.

Aos grandes bibliotecários com quem pude trabalhar pelo excelente trabalho de mediação de leitura. Vocês contribuíram para que eu me tornasse a profissional que sou.

Aos colegas da escola que desejaram meu sucesso.

À Josieide, minha Dinda, que deu apoio incondicional.

Aos protagonistas do projeto, meus alunos do 9º ano, jovens incríveis. Sou feliz por ter tido a oportunidade de ser professora de um grupo tão especial. Agradeço imensamente as risadas que demos, aos momentos de roda de conversa e as interpretações criativas que tinham nas leituras que realizamos. Foi formidável trabalhar com vocês.

Estou grata pelas experiências vividas, as boas, as ruins, os encontros com fadas e magos. A todos muito obrigada por me ajudarem a conquistar, nessa dissertação, um final feliz.

Ler histórias maravilhosas escritas no passado dá a você o poder de contar e escrever seus próprios contos.

A arte de contar histórias (Nancy Mellon)

RESUMO

Muito se discute atualmente acerca da necessidade de estratégias que cativem o público para a aquisição do hábito da leitura e formação de leitores críticos na rede pública de ensino no Brasil. Esta pesquisa, aplicada em uma escola pública de Palmas – TO, tem por objetivo buscar novas formas - e rever antigas - de trabalhar a leitura literária, utilizando a Contação de Histórias como estratégia para incentivar à leitura entre jovens e crianças, estimulando a participação dos jovens do 9º ano do Ensino Fundamental em atividades culturais, formando-os também como mediadores/multiplicadores. A pesquisa situou-se no campo interventivo, desenvolvida com um grupo de doze alunos das séries finais em cinco etapas: recrutamento; primeiras leituras e interação do grupo; formação de mediadores de leitura – a teoria; planejamento/treinamento e apresentações. Entendendo que a leitura é fundamental para a compreensão do contexto social e atuação no mesmo, acreditamos que é igualmente importante que a juventude seja protagonista na luta por um futuro menos desigual socialmente, assim surgiu a vontade de utilizar deste instrumento como um caminho para a disseminação do gosto pela leitura. Os resultados desta pesquisa-ação possibilitam visualizar que um processo simples, no qual os alunos entendam-se como agentes transformadores, pode contribuir satisfatoriamente para seu desenvolvimento cultural, intelectual, melhorar as relações interpessoais, a comunicação oral e escrita. Para formar essa comunidade de leitores, elegemos a leitura e o estudo de contos maravilhosos e utilizamos o diário de bordo para coletar os dados tanto sobre as leituras realizadas no percurso como para registrar todas as etapas vistas pela perspectiva de cada jovem do grupo. O projeto foi considerado como um dos três melhores da disciplina de Língua Portuguesa em um evento para professores das escolas públicas do município de Palmas. À luz da contação de histórias, da leitura literária e do letramento literário, trabalhamos com as noções postuladas por Coelho (2006), Busatto (2007), Colomer (2007), Cosson (2018) e Candido (2012).

Palavras-chave: Contadores de histórias; protagonismo juvenil; incentivo à leitura; mediadores de leitura e leitura literária.

ABSTRACT

The teaching of literature in the public network needs strategies that will captivate the readership to appreciate this art. This research, applied in a public school in Palmas - TO, aimed to understand and revise ways of working literary reading, used, to encourage reading in young people and children, the Storytelling. As a strategy we propose to stimulate the participation of the young people of the 9th year of Elementary School in cultural activities, forming them mediators / multipliers. The research focus on the field of the intervention. It was developed with a group of twelve students of the final series in five stages: recruitment; first readings and group interaction; formation of reading mediators - theory; planning / training and presentations. Understanding that reading is extremely important for the social context comprehension and that it is also important that the youth be protagonist in the struggle for a better future, there has been a desire to use this instrument as a way to disseminate the taste for literary art. From the results of this action research it was possible to visualize that a simple process whose students are transforming agents can contribute satisfactorily to cultural, intellectual development, improve interpersonal relations, orality and writing. In order to form this community of readers, we started by reading and studying wonderful tales as a genre focus and we used the logbook to collect the data both on the readings carried out on the course and the record of all the steps seen from each group's perspective. In light of storytelling, literary reading and literary literacy, we work with the notions postulated by Coelho (2006), Busatto (2007), Colomer (2007), Cosson (2018) and Candido (2012).

Key Words: Storytellers; youth protagonism; encouragement of reading; mediators of reading and literary reading.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Modelo de diário de bordo	38
Figura 2 - Lista de materiais para a feira de ciências FECMAR	46
Figura 3 - Lista para confecção da casa de doces e reforma da casa de fantoche ..	47
Figura 4 - Procedimento de leitura nos encontros	67
Gráfico 1 - Desempenho dos contadores de histórias em avaliação externa	85
Quadro 1 - Os contos maravilhosos levantados e os escolhidos pelos jovens	44
Quadro 2 - Cronograma de apresentações	72

LISTA DE SIGLAS

AVC	Acidente Vascular Cerebral
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEU	Centro de Artes e Esportes Unificados
CH	Contação de Histórias
CPM	Colégio da Polícia Militar
CMEI	Centro Municipal de Educação Infantil
FEBRACE	Feira Brasileira de Ciências e Engenharia
FECIT	Feira de Empreendedorismo, Ciência, Inovação e Tecnologia do Tocantins
FECMAR	Feira de Ciências da Escola Municipal M. R.
FYA	Fundação Fé e Alegria do Brasil
IFTO	Instituto Federal do Tocantins
LABIN	Laboratório de Informática
ONG	Organização Não Governamental
PROFLETRAS	Programa de Mestrado Profissional em Letras
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SEHAB	Secretaria Municipal de Habitação
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFT	Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	OBJETIVOS	17
2.1	Objetivo Geral	17
2.2	Objetivos Específicos	17
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
3.1	Leitura de literatura na escola	18
3.2	A contação de histórias: estratégia para incentivo à leitura	21
3.2.1	Conceituação e a trajetória do ato de contar histórias	21
3.2.2	Tipos de contadores	23
3.2.3	As formas e recursos para contar histórias.....	24
3.2.4	Iniciação à contação de histórias: o conto maravilhoso	27
3.3	Protagonismo juvenil: agentes incentivadores de leitura e de transformação social	29
4	METODOLOGIA	31
4.1	Pesquisa Interventiva	31
4.2	Caracterização dos membros envolvidos na pesquisa	32
4.2.1	Perfil dos alunos	32
4.2.2	Perfil da professora regente	34
4.2.3	Perfil da escola	35
4.3	Instrumentos para coleta de dados	36
4.3.1	Diário de bordo	36
4.3.2	Portfólio	38
4.4	Etapas	39
4.4.1	Primeira etapa: Recrutamento	39
4.4.2	Segunda etapa: Primeiras leituras e interação do grupo	41
4.4.3	Terceira etapa: Formação de mediadores de leitura – a teoria.....	42
4.4.4	Quarta etapa: Planejamento/Treinamento	45
4.4.5	Quinta etapa: Apresentações	56
5	ANÁLISE DOS DADOS	58

5.1	Os encontros	58
5.2	As leituras e socializações	63
5.3	As oficinas de artesanato	67
5.4	Os ensaios	69
5.5	As apresentações.....	71
5.6	Os obstáculos.....	83
5.7	As conquistas.....	84
5.8	Continuidade do projeto	87
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
7	CRONOGRAMA.....	90
8	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92
9	APÊNDICES	96
	APÊNDICE A – Proposta de Atividade para o Ensino Fundamental (anos finais): Contação de Histórias.....	96
	APÊNDICE B – Questionário elaborado e aplicado pelos Jovens Contadores de Histórias.....	99
	APÊNDICE C – O texto a seguir foi adaptado pelos jovens do grupo, baseados no conto Branca de Neve, Jacob e Wilhelm Grimm – retirado do livro Contos de fadas: edição comentada e ilustrada (TARTAR, 2013).	101
	APÊNDICE D – MODELO PARA ELABORAÇÃO DO DIÁRIO DE BORDO.....	104
10	ANEXOS	109
	ANEXO A – Fotos: Aprendendo a confeccionar <i>puffs</i> de pneu.....	109
	ANEXO B – Os textos a seguir foram versões contemporâneas usadas no estudo feito com participantes..	131

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade lançar luz sobre o papel relevante do ensino de literatura, da prática de leitura e da construção de repertório nas séries finais do Ensino Fundamental em uma esfera metodológica que incentive à leitura no espaço escolar e na comunidade. A partir desse objetivo, pretende-se ainda tecer considerações sobre as práticas exitosas e deficientes na formação do leitor e propor a utilização da contação de histórias como estratégia para contribuir na aplicação dos descritores da matriz curricular de Língua Portuguesa e disseminar a leitura.

A leitura na escola é um tema muito discutido atualmente. Portanto, acredita-se que os estudos voltados para o trabalho de incentivo aos adolescentes precisam ser intensificados. Um exemplo é o hábito de leitura literária na escola pública de jornada parcial em comparação à escola de tempo integral, no município de Palmas. Este requer mais atenção por parte do Estado, da família e da sociedade. Nossos jovens ainda apresentam muitos problemas quanto à leitura, reconhecidos e confirmados nos resultados de avaliações nacionais, estaduais e municipais.

Entre estudos e indicadores sobre a temática, vê-se que a educação infantil é alvo de maior atenção de educadores-pesquisadores e de menção de projetos governamentais e não governamentais. Não que o assunto não tenha sido foco de estudo das outras faixas etárias. Tal preferência se deve ao fato da mesma ser uma das etapas fundamentais na formação de um leitor que se almeja tornar crítico.

Entretanto, no que se refere ao incentivo à leitura para os adolescentes das séries finais do ensino fundamental, percebe-se que ainda faltam investimentos tanto financeiros como em ações práticas em comparação às séries iniciais. Outra dificuldade está no fato de que quase não há um momento de dedicação exclusiva para a literatura, pois esta é, em muitas escolas, desenvolvida dentro da aula de Língua Portuguesa.

Os professores de Língua Portuguesa das séries finais recebem a tarefa de trabalhar a leitura, a produção de textos, a análise linguística, os diversos gêneros - uma vasta lista de itens em pouco tempo. Dentro desse tempo, devem formar alunos

leitores críticos. E onde fica o prazer da leitura? Quais as reações dos alunos diante o contato com a literatura?

Na escola, depara-se com várias situações complexas que necessitam de atenção, estratégias, inovação e revisão na tentativa de sanar os problemas na qualidade do ensino e da aprendizagem. E a situação mais complexa em que professores de Língua Portuguesa se deparam, e são cobrados continuamente, é justamente a dificuldade dos alunos na leitura e na escrita.

Por serem tão essenciais às demais áreas do conhecimento e para a inserção social, o indivíduo precisa das habilidades de leitura e escrita para desenvolver atividades cotidianas. Ler um contrato de prestação de serviço, entender uma conta de telefone, escrever um e-mail para o chefe ou preencher um formulário empregatício são exemplos de situações cotidianas que requerem proficiência nas habilidades já mencionadas. É nesse sentido que surgem outras questões inquietantes como: nossos alunos são preparados para essas vivências de maneira a conseguir desempenhá-las com sucesso? Por que os alunos não gostam de ler e produzir textos escritos?

É perceptível também outra situação intrigante para esse professor, o contato dos alunos com a arte, mais especificamente com a arte da palavra – a Literatura. Nota-se que esse convívio com a arte literária ainda está aquém do que se espera e que a sociedade deve perceber a importância da literatura, pois, como afirma Colomer (2007) em sua obra *Andar entre livros: a leitura literária na escola*,

Durante séculos a literatura exerceu um papel preponderante como eixo vertebral do ensino linguístico, a formação moral, a consciência de uma cultura com raízes clássicas greco-latinas e, desde o século XIX, de aglutinação de cada nacionalidade. (2007, pág. 43)

Pensando como profissional da área de Letras atuante na rede pública de ensino, surgiu o anseio de investigar o “como” promover, com os jovens das séries finais do Ensino Fundamental, o contato com a arte da palavra, oportunizando o prazer de ler literatura. Mais ainda, buscou-se promover a percepção do que constitui um direito, segundo o texto consagrado e essencial de Antonio Candido, “O direito à literatura” (1995, p.175) em que a literatura concebida no sentido amplo é uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. Num pensamento de que “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos

direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (CANDIDO, 1995, p. 191).

As estratégias de incentivo à leitura foram o ponto de partida para esta pesquisa, aplicando a Contação de Histórias como a estratégia-foco para trabalhar a literatura. Essa estratégia foi desenvolvida em cinco etapas: recrutamento, leitura e identidade, formação de jovens mediadores de leitura, planejamento/treinamento e apresentações. Assim, a investigação foi realizada com a turma de 9º ano de uma escola pública de Palmas - Tocantins, ao longo do ano de 2018.

Em razão do bom desempenho dos alunos nas mediações de leitura, o projeto foi apresentado no Circuito Aproxima, evento para troca de experiências entre professores da rede municipal de ensino de Palmas, e premiado entre os três melhores projetos da rede.

Esse resultado foi possível pela prática articulada à teoria, em que, com base nos autores como Coelho (2006), Busatto (2007), Colomer (2007), Cosson (2018) e Candido (2012), pode-se fazer uma reflexão aprofundada para entender e rever formas de trabalhar a leitura literária.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Entender e rever formas de trabalhar a leitura literária, utilizando, para incentivar à leitura nos jovens e crianças, a contação de história como estratégia que promova e estimule a participação dos jovens do 9º ano do Ensino Fundamental em atividades culturais, formando-os mediadores.

2.2 Objetivos Específicos

- Incentivar a leitura nos jovens das séries finais e, conseqüentemente, nas crianças da escola;
- Estimular o protagonismo juvenil por intermédio de integração, criatividade e apresentações artísticas;
- Valorizar o trabalho organizativo, comunicativo, criativo e de tomada de decisões dos jovens;
- Realizar atividades de leitura literária com jovens e crianças, utilizando a contação de histórias como estratégia principal para a formação de uma comunidade leitora.
- Procurar parcerias para a formação da biblioteca por meio de doações.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Leitura de literatura na escola

A questão da leitura literária traz em si inquietações no âmbito educacional, não sendo a escola a única instituição responsável pelo seu desenvolvimento ou disseminação. Alunos que leem pouco, têm menos contato com a literatura, aulas fragmentadas ou inexistência de aula voltada a essa área, metodologias que não correspondem ao contexto atual do ensino de literatura e recursos ineficazes são algumas das inquietações. Certamente há exceções: alunos que leem literatura, aulas criativas e bem estruturadas. Mas, ainda necessitamos de muita reflexão e discussão.

O ensino de literatura nas escolas públicas, em todos os níveis de ensino, está em decadência. E, em particular, no ensino fundamental (séries finais) essa questão parece pior porque os suportes, materiais, investimentos em pesquisas e em estrutura para o trabalho são insuficientes.

Isso permite lembrar as observações que Eliana Yunes (2003) faz quanto às propostas dos PCNs, em que a literatura passa a estar englobada na área de Linguagens, não sendo excluída do ensino, mas ficando descaracterizada, e com isso, desencadeando uma sensação, em alguns estudiosos, de desaparecimento do ensino da literatura. (YUNES, 2003, p. 65).

Preocupação que veio à tona há pouco tempo, entre 2017 e 2018, ao refletimos sobre a Base Nacional Comum Curricular. Por certo, não houve extinção, e sim uma garantia oficial da permanência deste ensino em nível nacional, porém vale ficarmos atentos à efetivação deste documento, pois “a perda de um contato significativo com a literatura sem que se possa apropriá-la efetivamente como uma experiência cultural, complica não apenas a realocação dos estudos literários”. (YUNES, 2003, p. 66), mas também compromete a aprendizagem e construção do indivíduo que percebe e domina as capacidades de leitura e escrita.

A BNCC (2018) estabelece o campo artístico-literário, uma proposta que assegura e oferece uma nova perspectiva de se trabalhar com a literatura, dando

“lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora” (BRASIL, 2018, p.136).

Neste sentido, viu-se um pequeno, porém notável, progresso que é a disponibilização de livros literários pelo PNLL: cada aluno da rede pública receberá além dos livros didáticos, um exemplar literário. Tal oferta já foi entregue às crianças das séries iniciais do ensino fundamental até este momento. As demais séries da educação básica aguardam recebimento dos livros em 2020.

Enquanto isso, ao observa-se a realidade da escola pública pesquisada, localizada na periferia, foi possível perceber outro problema: a biblioteca serve como depósito para tudo aquilo que não tem lugar destinado, há poucos livros e os que existem são voltados ao público infantil. Atua-se sem ferramentas e sem um tempo reservado para o campo literário.

A literatura está perdendo seu espaço em sala de aula para o treinamento dos temas e descritores de língua portuguesa do SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica), servindo como pano de fundo para aprimorar habilidades de leitura. O viés, nas séries finais, torna-se preocupante. Com a grande quantidade de avaliações e simulados, principalmente em anos de Prova Brasil, os alunos e as alunas acabam tendo uma visão negativa do ato de ler. Algo mecânico, obrigatório e tedioso. Esse treinamento visa a obtenção de números favoráveis aos *rankings* de avaliação educacional. Muitas vezes são números que não correspondem à realidade e tampouco também contribuem para a formação do leitor.

Desenvolver habilidades de leitura é fundamental. Porém, a forma e intenções deveriam levar em consideração o sujeito como principal beneficiado, notas e dados numéricos (reais) deveriam ser consequência de um bom desempenho no ensino e na aprendizagem.

As adversidades fazem pensar sobre quais caminhos seguir para tentar minimizar os impactos negativos sobre a visão de leitura, especialmente para os jovens, em uma sociedade em que cerca de 44% da população brasileira não são leitora.¹ Nessa perspectiva, e voltando a tratar da escola pesquisada, percebemos que o incentivo à leitura de literatura é um caminho para os adolescentes das séries finais, mesmo porque

¹ Essa porcentagem encontra-se no perfil de leitor de livros, estimativa populacional apresentada na pesquisa Retratos da leitura no Brasil, 2016, p. 185.

[...] o objetivo da educação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir para a *formação da pessoa*, uma formação que aparece ligada indissoluvelmente à construção da sociabilidade e realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem. (COLOMER, 2007, p. 31).

Com isso, observa-se que a formação de uma comunidade leitora, dentro da escola e com os jovens inseridos no campo da leitura como mediadores e multiplicadores, é imprescindível para facilitar a estruturação, ou melhor, a construção de sujeitos transformadores de sua realidade social.

Rildo Cosson (2018), em seu livro *Círculos de leitura e letramento literário*, mostra o quão intenso são alguns trabalhos realizados com comunidades leitoras, mesmo porque, independentemente do ambiente em que acontecem os círculos, a aceitabilidade e o entendimento dos participantes demonstram que leitura possibilita compartilhar mais que conhecimentos. Ela contribui para a saúde mental, emocional e física do indivíduo, assim como fortalece as práticas de cidadania de maneira consciente e efetiva. Nesses círculos, a leitura literária “conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade” (COSSON, 2018, p.50).

Alessandro Rocha (2016) também expõe a importância da literatura na formação de mediadores de leitura como ato humanizante. Aborda o sentido entre o texto o seu leitor e afirma que “dizer que a leitura humaniza significa que ela insere a pessoa numa dinâmica mais integradora do ser. A leitura, sobretudo a leitura literária, permite ao humano ser pleno” (ROCHA, 2016, p.38). O autor completa ainda, parafraseando Eliana Yunes, sobre o caráter humanizador que a literatura tem.

À medida que se entra em contato com o universo literário, o eu é mais plenamente percebido, inclusive em toda a sua potencialidade de transcendência, exatamente porque ele entra no mundo de outro. Ler é criar e habitar outros mundos possíveis. Além disso, a literatura desatrofia dimensões do humano que nenhum outro tipo de leitura pode fazer. (YUNES apud ROCHA, 2016, p.38)

Dimensões essas do ser humano que são exercitadas pela arte da palavra, oferecendo ao sujeito opções, ideias e possibilidades de transformar-se como indivíduo, mas também como integrante da comunidade em que vive. Isso, para os

jovens da periferia, circundados de violência, pobreza e falta de oportunidades, pode abrir-lhes a visão de mundo.

3.2 A contação de histórias: estratégia para incentivo à leitura

As histórias são uma fonte de prazer a qual contribui para o desenvolvimento intelectual do indivíduo. Isso porque nelas estão presentes um leque com as mais diversas culturas, formas, estruturas, aspectos linguísticos que ampliam a compreensão sobre o mundo e aumentam o repertório de argumentos e ideias, ajudando esse indivíduo a resolver situações do dia-a-dia.

A contação de história consiste em unir palavra e gesto, pessoas ao poético; evocar a sensibilidade por meio da entonação de voz e expressividade corporal, humanizando pela arte da palavra, estabelecendo relação entre contador e ouvinte e possibilitando algo importante para o homem: a comunicação.

Agora serão passadas, além dessas noções, alguns conceitos sobre contação de história (CH): as formas de contar histórias, os tipos de contadores e a escolha de um perfil de contador para o projeto, a importância e a desvalorização do contador e do contar histórias na atualidade.

3.2.1 Conceituação e a trajetória do ato de contar histórias

Primeiramente, é necessário esclarecer que, assim como Cléo Bussatto, em seu livro *A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço*, utiliza-se aqui ora a expressão contação de histórias, ora narração de histórias, por entender que ambas possuem o mesmo sentido que se pretende apresentar.

Contar história, como já mencionado, é transmitir informações utilizando a sensibilidade evocada pela entonação de voz e expressividade corporal. Coelho (2001) fala desta transmissão como uma arte que também possui “técnicas e segredos”. Além disso, trata-se de

(...) uma arte que lida com a matéria-prima especialíssima, a palavra, prerrogativa das criaturas humanas, depende, naturalmente, de certa tendência inata, mas pode ser desenvolvida, cultivada, desde que se goste de crianças e se reconheça a importância da história para elas. (COELHO, 2006, p. 9)

Segundo Bussatto (2007) é uma arte que mesmo mesclada e transformada ao longo do tempo, sua essência permanece a mesma, tem “a condição de encantar, de significar o mundo que nos cerca, materializando e dando forma às nossas experiências” (2007, p.10).

Narrar é uma ação comum do ser humano. Seja pela linguagem gestual, língua falada ou língua escrita, sentimos necessidade de transmitir algo a alguém. Contamos sobre nossas vivências, de certo modo nos posicionando socialmente através da personalidade e pontos de vistas expostos ao narrar.

Narrar permite se assegurar na esfera do poder. Poder que naquele momento de exposição, a atenção do ouvinte/espectador é dominada, pela evidenciação das ideias, imaginações, sonhos, pensamentos e conhecimentos de quem narra. Leite (2019, p.7) pondera com clareza que “quem narra, narra o que viu, o que viveu, o que testemunhou, mas também o que imaginou, o que sonhou, o que desejou. Por isso, narração e ficção praticamente nascem juntas”.

Narrar ou contar oralmente histórias mostra tanto temáticas sobre fatos reais como imaginários. O que é real contado para explicitar experiências exitosas ou desastrosas; o que é imaginário, fantasioso, é contado com o propósito de mexer com a criatividade, as emoções, refletindo também sobre os comportamentos humanos.

O papel do narrador é importantíssimo na história. Desde os primórdios da humanidade se fez presente (a partir do surgimento da fala). Os homens contavam histórias para entretenimento, para propagar seus feitos gloriosos, sua cultura, seus mitos e ritos, mas também para alertar sobre perigos e educar seus entes e membros da comunidade.

O teor educacional no ato de contar histórias perpassa o tempo. Aristóteles e Platão são exemplos de narradores que usavam histórias para ensinar seus discípulos. Em o *Mito da caverna* de Platão, Sócrates conta uma situação para Glauco que serviu e serve como reflexão sobre a postura do indivíduo frente ao novo, ao desconhecido e ao modo de agir individualmente que possa vir a afetar o coletivo.

Além da prerrogativa educativa existe outra grande intenção, a de comover pela emoção, seja com risos ou choros, o propósito é mexer com os sentimentos. Mellon (2006) nos permite ver que

(...) o ato de contar histórias nos dá amor e coragem para encarar a vida: no processo de imaginação de uma história maravilhosa, novos espíritos nascem para encarar as maiores aventuras de nossas vidas e conceder um estímulo sábio às outras pessoas, para que sigam seus próprios caminhos, não importando a idade que tenham. (MELLON, 2006, p.13)

Sabe-se que no passado as pessoas se reuniam em torno das fogueiras tanto para oralidade como escuta de vivências e imaginações de forma simples e criativa. Era momento de unir as palavras e dar mais vivacidade com gestos, embalados pelo movimento da chama da fogueira e tranquilidade do campo. Uniam-se, depois de um longo dia de trabalho, a família, os amigos e vizinhos, em um momento de descontração e encantamento. Preparavam-se para ouvir. O tempo era aproveitado sem o imediatismo das sociedades atuais. Nessa época o contador possuía um perfil com características que será apresentado no tópico seguinte.

3.2.2 Tipos de contadores

Conhecemos o que alguns autores pensam sobre CH e como foi sua trajetória pelo tempo. Aqui podemos ver que todo contador tem suas peculiaridades, maneiras de narrar suas histórias, de forma inata ou desenvolvida por interesse e esforço próprios. Recordemos as palavras de Coelho (2006, p.9), ao deixar claro que esse ser contador pode ser cultivado desde que goste não só de crianças, mas da ação que quer praticar independente do público.

Conseguimos perceber dois tipos de contadores ao longo do estudo: o contador tradicional e o contemporâneo. Esses dois perfis são descritos por Bussato (2007, p.9). O primeiro caso, aquele que é “sujeito-contador que se revela no seio da comunidade”, em que atribuímos outra possível característica não mencionada pela autora como aquele que utiliza da voz unicamente ou quase unicamente como técnica para sua ação, sem auxílio de muitos recursos no seu ato de contar.

Nas rodas em torno das fogueiras, nas varandas iluminadas à luz de lampiões, esse sujeito-contador tradicional conduzia o imaginário apenas pela entonação da voz, gesto e, em algumas ocasiões, com acompanhamento musical. Sem pretensão de fazer de suas narrativas uma profissão. Apenas o prazer de encantar puro e somente.

Já o outro tipo, o contador contemporâneo, a mesma autora afirma que seria o sujeito da atualidade, “o qual elegeu a expressão ‘contador de histórias’ para definir

uma profissão que começa a tomar corpo” (BUSSATO, 2007, p.9). Juntamos a essa afirmativa a ideia de que este, situado na sociedade atual, utiliza das tecnologias do seu tempo. Mesmo porque houve necessidade de adequação às demandas dos ouvintes contemporâneos, emergentes, imediatistas, atarefados. A rapidez dessa sociedade em ascensão exige formas que chamem a atenção dos indivíduos cada vez mais ocupados e com menos tempo para a apreciação da arte.

O contador tradicional não pode ser visto só como um ser no passado. Ele coexiste com o perfil contemporâneo. Nossos avós, pais, senhoras e senhores da terceira idade e, porque não, alguns jovens narram suas histórias apenas por pura satisfação de contar seus saberes e demonstrar suas emoções, não transformando isso em profissão.

A sociedade hoje vive em velocidade acelerada quanto à circulação de informações e requer um perfil de contador de histórias mais adaptável. Nossos ouvintes, inclusive, demonstram menos tempo disponível para manter-se atentos: “para a atual sociedade de consumo, contar histórias pode ser interpretado como perda de tempo. É só observar a pouca paciência que se tem para ouvir o outro”. (BUSSATTO, 2007, p.20)

Outro aspecto do contador contemporâneo apontado pela autora é a CH tornar-se uma profissão. Isso é devido as transformações das sociedades. Hoje existem muitos meios de entretenimento, o aumento de pessoas que se distanciaram do contato presencial, físico e passaram a “conviver” virtualmente, gerou uma população desprovida e desinteressada por essa arte. Aqueles que possuem o dom ou se qualificam em contar histórias têm seu campo nas aberturas de eventos, apresentações em escolas e reuniões para formação. É um campo ainda pequeno e pouco valorizado, mas quando presenciado, o público se encanta, como no caso da *Cia do liquidificador*, uma companhia de contadores de histórias que oferece seu trabalho para animação em festas e eventos, divulgando uma lista de histórias, duração, cenários, figurinos e equipamentos.

3.2.3 As formas e recursos para contar histórias

As histórias a serem contadas tornam-se mais atraentes se escolhidas de acordo com a faixa etária, o ponto de vista literário, o interesse do ouvinte e suas

condições socioeconômicas. Mesmo que os alunos reclamem de algumas obras, por exemplo, as clássicas, por terem sido escritas em contexto diferente das que vivem; o professor que ofereça essa leitura promoverá a experiência e a reflexão das diferentes realidades e a compreensão de contextos de produção diferentes que causam o estranhamento. Enquanto isso pode discutir o motivo daquela obra ser lida até os dias de hoje.

A contação de histórias das obras clássicas, no caso, pode contribuir beneficentemente para a apreciação deste tipo de leitura. No entanto, devemos pensar qual a melhor maneira de apresentar determinada história ao público.

Alguns autores mostram possibilidades e técnicas para desenvolver uma narração. Basear-nos-emos aqui nos modelos mencionados por Coelho (2006) e Dohme (2010), pois são os que corresponderam melhor à proposta de trabalho com a comunidade de leitores jovens da escola pesquisada.

Primeiramente são fundamentais a escolha e o estudo da história. E esse planejamento para a apresentação permite avaliar como utilizar a voz, a entonação entre graves e agudos, introduzir alguma música ou pequenos refrãos, ou até mesmo repetir gestos (como estalar os dedos, bater palmas, entre outros). Enfim, tudo que contribua para o evento.

Antes da apresentação, uma boa conversa se faz necessária para preparar o terreno. “Esquentar a garganta”, aproximar o público do sujeito-contador, propor combinados – mesmo que por simples gestos. Esse é o preparo inicial. Todo e qualquer contador, experiente ou não, com dom ou somente alguém interessado em se aprimorar nessa arte requer passar por esse passo.

A partir de então, começa a narrar de uma forma que conquiste a atenção dos ouvintes. Forma esta escolhida ainda no seu planejamento. É nesse quesito que notamos a importância de conhecer o público, pois assim haverá mais pertinência ao selecionar a maneira mais adequada àqueles ouvintes em específico.

Coelho (2006) nos oferta seis formas de apresentação das histórias. São elas: a simples narrativa; a utilização do livro; de gravuras; do flanelógrafo; de desenhos ou as interferências do narrador e dos ouvintes. Já Dohme (2010) considera em seu livro tais formas como recursos auxiliares. Ela afirma que

A narração de uma história poderá ter diversas técnicas como suporte, cada qual se constituindo em um novo desafio para os educadores no tocante e aperfeiçoar seu conhecimento de aplicação. (DOHME, 2010, p.35)

A autora traz exemplos desses recursos auxiliares, ou técnicas como chama, além de mencionar as seis formas elencadas por Coelho. No entanto, acrescenta elementos como:

- Figuras para o cenário;
- Fantoques;
- Teatro de sombras;
- Dobraduras,
- Maquete;
- Bocões (tipo ventríloquo);
- Marionetes;
- Dedoches;
- Inclusão de um objeto;
- Um personagem que toma vida (aparece no final da história);
- Pedir para que as crianças fechem os olhos (para um trabalho sensorial);
- Poderão também ser usados gestos, um para cada personagem.

Percebemos que Dohme equipara *técnica* a *recurso auxiliar*, enquanto Coelho separa os dois termos, nomeando para *técnicas* – formas de apresentação – e para *recurso auxiliar* - atividades a partir da história. Cada autora também diverge nas colocações quanto ao teatro.

Para Coelho (2006) é desnecessário descrever as apresentações ligadas à linguagem do teatro. Isso porque seu livro fala de outra linha artística, em que esse tipo de linguagem foi colocado como atividade para ser realizada após a história contada.

Há, no entanto, que se distinguir a contação de história do teatro. Ambas as artes possuem características próximas. Mas quando falamos de teatro, o ator deve manter um certo distanciamento do público, pois é prerrogativa de sua essência, para melhor fruição do encenar, tornar-se o outro, mantendo separado o eu, a personagem e o espectador.

Já o contador requer aproximação ao público. Torna-se, naquele momento, aquele que vivenciou, mesmo que por instantes, ou imaginou sua participação naquela história.

O contador olha nos olhos do público para virar membro de sua comunidade. A distinção entre as duas artes fica bastante clara nas palavras de Bussatto (2007):

O contador de histórias do século XXI é um performer, um realizador, um artista. Ele atua numa área muito próxima às artes cênicas, sem dúvida, mas contar histórias não é como atuar numa peça de teatro. O que separa a narração oral do espetáculo cênico são marcas frágeis, quase imperceptíveis, já que os elementos constitutivos de cada uma delas são praticamente os mesmos. São marcas pontuadas por pequenos detalhes, que parecem distinguir a contação do teatro. O olhar é uma delas. A contação de histórias pede o olho no olho, intimidade e cumplicidade com o ouvinte; enquanto que na ação teatral, na maioria das vezes, atua-se com o conceito da quarta parede, ou seja, estabelece-se um distanciamento entre ator e espectador, muitas vezes originado pelo espaço físico onde a ação cênica ocorre. Já na contação de histórias prioriza-se espaços onde o contador possa estar o mais próximo possível do ouvinte, propondo, assim, uma comunhão entre quem narra e quem ouve. (BUSSATO, 2007, p.32)

Dohme, por sua vez, engloba as técnicas teatrais como se fizessem parte da contação de histórias. Nesse sentido, concordamos com Bussatto: são artes distintas. Atuam sim em áreas muito próximas, às vezes, mesclando-se, mas o olhar, o foco e o objetivo são diferentes.

3.2.4 Iniciação à contação de histórias: o conto maravilhoso

Vimos que existem dois perfis de contador de histórias: o autodidata e o que precisa de instrução, pesquisa, estudo das estratégias para se formar como sujeito-contador. Esse último perfil requer passar por etapas de capacitação, em que a iniciação à contação de histórias se torna um marco importante para se realizar a narração.

Optamos, então, por um gênero literário específico: o conto maravilhoso. Isso porque o objetivo dessa pesquisa é desenvolver (com os jovens) ações voltadas ao público infantil. Trata-se de um gênero que instiga o imaginário e o gosto dos jovens até os dias atuais. Seus protagonistas são seres bondosos que passam por algum tipo de problema, alguém que, com poderes ou pela doação de elementos mágicos ajuda a solucionar o problema, os antagonistas são perversos e, assim como a maioria, os finais são felizes. Em outras palavras, o dano causado ao herói é punido e este é recompensado. Segundo Propp (2001),

Visto que os contos maravilhosos são extremamente variados, é claro que não se pode estudá-los de imediato em toda a sua dimensão; devemos

dividir o material em várias partes, ou seja, classificá-lo (...) A divisão mais habitual dos contos maravilhosos é a que distingue os contos de conteúdo miraculoso, os contos de costumes e os contos sobre animais. A classificação desses contos – (grifo nosso) atribui com muita facilidade as mesmas ações aos homens, aos objetos e aos animais (...). Essa regra se observa sobretudo nos assim chamados contos de magia mas se encontra também nos contos maravilhosos em geral. (PROPP, 2001, p.9)

Propp ofereceu em sua obra uma outra definição dos contos a partir de sua estrutura. O autor apresenta assim os elementos constitutivos – ou sintagmas narrativos – do conto maravilhoso. São trinta e uma funções que seguem uma ordem crescente, embora nem todas estejam presentes em todos os contos por ele analisados.

Para a formação do contador de histórias, primeiro, precisa-se conhecer histórias. Algo óbvio, mas temos que mencionar que, além das que ouvimos ao nosso redor, narradas por pessoas próximas, existe o literário. E começar pelo maravilhoso torna a trajetória mais leve e bastante rica, cremos.

Dizemos isso porque os contos de fadas (como são popularmente chamados de forma generalizante, embora nem todo conto maravilhoso tenha uma fada) estão presentes em várias culturas ocidentais e trazem ao ouvinte um repertório significativo para sua formação leitora:

O leitor/ouvinte é capaz de apossar-se dele (conto de fadas) de modo a torná-la sua própria história, e dessa forma superar seus conflitos, angústias e medos, ou seja, a criança ao ouvir um conto, é capaz de transportar-se para ele e viver sua própria história em função do que lhe foi narrado, adquirindo tranquilidade para compreender seus sentimentos, seu lugar, e para resolver seus conflitos. (ALVES; ESPÍNDOLA; MASSUIA apud SOUZA; FEBA, 2011, p.103)

Os contos maravilhosos permitem a percepção de atitudes, costumes, demonstram a cultura de um povo, onde a história foi criada, apresentam aspectos morais de cada cultura, assim como nos fazem refletir sobre como lidar com os obstáculos da vida.

Nossa sugestão para aquele que almeja desenvolver a habilidade do contar histórias é iniciar sua ação escolhendo o gênero conto maravilhoso. Um caminho que oferece confiança para o contador de histórias iniciante, pois é um gênero que encanta as crianças e, até mesmo, adultos. Possivelmente, terá mais aceitabilidade do público, já que instiga a curiosidade, a imaginação e oportuniza significado à vida.

3.3 Protagonismo juvenil: agentes incentivadores de leitura e de transformação social

Ao ingressar na adolescência, o corpo humano passa por inúmeras transformações físicas, o que se define como puberdade. No entanto, estas transformações não se restringem apenas ao lado físico. Baseado no modelo piagetiano, estas transformações se caracterizam pela transição do período das operações concretas, em que se restringe a ações egocêntricas para o período de operações formais, o qual o ser humano adquire sua essência social.

Nesse período, o ser humano identifica de forma mais nítida a influência dos fatores variantes em seu desenvolvimento e consegue analisar/assimilar fatos, conforme dito por Rappaport (1981) em que nessa etapa o jovem desenvolve a

capacidade de criticar os sistemas sociais e propor novos códigos de conduta: discute valores morais de seus pais e constrói os seus próprios (adquirindo, portanto, autonomia). (RAPPAPORT, 1981, p. 74)

Dentre todos os possíveis fatores variantes, a escola é o mais atuante, pois desempenha o papel de catalisador social e intelectual e se configura num ambiente seguro ao respeitar a pluralidade cultural. É o palco das primeiras ações protagônicas do ser humano como sujeito social, uma vez que nela o homem executa e aprende a cooperar e operar no comum.

A conceituação do termo protagonismo permite entender que a palavra deriva do grego *protagonistés*, que significa “o principal lutador” (RABÊLLO, 2017, p. 01). Define de maneira correta a postura que se almeja de nossos adolescentes e jovens. O protagonismo juvenil confere aos jovens e adolescentes a autonomia necessária para exercerem de forma plena a sua cidadania, requererem os seus direitos, manifestarem suas inquietações e pleitearem as mudanças necessárias.

A educação como ferramenta de emancipação social e libertadora procura garantir os direitos do indivíduo, moldar a mentalidade do jovem para as questões que influem direta ou indiretamente em seu cotidiano e, possivelmente, evitar que entrem em círculo de violência.

O jovem atuando como agente de incentivo à leitura é beneficiado em sua formação como pessoa e colabora beneficentemente na formação dos indivíduos tocados pela sua ação.

Quando realiza algo nessa magnitude, além de um crescimento intelectual, pelo conhecimento adquirido através das leituras, há o crescimento como ser humano, capaz de conseguir compreender a importância de sua ação para mudança de vida, capaz de se sensibilizar com as adversidades pelas quais passa ou pelo que os sujeitos alvos de suas ações passam, percebendo-se como integrante de sua comunidade, posicionando-se sobre a violência que possa vir a presenciar nela.

A pesquisadora Michèle Petit, em seu livro *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*, narra histórias de encontros sobre leitura em que alguns jovens relataram suas experiências do contato com o livro. A resistência para executar a leitura na íntegra de um livro, o processo pelo qual eles passaram e a significação que foram percebendo ao longo do tempo. Esses relatos, segundo a autora,

Lembram-nos que é sempre na intersubjetividade que os seres humanos se constituem; que o leitor não é uma página em branco onde se imprime o texto: desliza sua fantasia entre as linhas, a entremeia com a do autor. As palavras do autor fazem surgir suas próprias palavras, seu próprio texto. (PETIT, 2008, p.30)

Tornando-se um multiplicador de leitura, o jovem exercita essa habilidade, além do senso de responsabilidade, compromisso, percepção de mundo e dos obstáculos que existem nele, faz refletir sobre as realidades, instiga, pratica a criatividade e o “jogo de cintura” para conseguir desenvolver o que desejava, trabalha com a noção de erro, pois nem sempre se consegue acertar.

4 METODOLOGIA

4.1 Pesquisa Interventiva

Já é bastante conhecida a preocupação de parte da sociedade quanto ao hábito de leitura dos brasileiros. E, quando nos referimos à leitura literária, o assunto não deixa de ser alarmante. Podemos ver em pesquisas e presenciar *in loco*, nas salas de aula, por exemplo, a desaprovação e a decadência da prática de leitura literária. Claramente, acabamos direcionando esse assunto à escola, pois é a instituição mais visada sobre o (in) sucesso no desenvolvimento da habilidade leitora.

Sabemos que é a escola que oferta (ou deveria ofertar) um contato mais próximo à literatura. Dentre o que se aspira e a realidade, deparamo-nos com alunos que não leem livros literários ou leem pouco – apenas o necessário e solicitado para a obtenção de nota. Um triste resultado ocasionado por vários fatores internos e externos ao ambiente escolar (o que não discutiremos nesse momento).

Ao observarmos a realidade de uma escola municipal, situada na região periférica no sul de Palmas – TO, percebemos algumas dificuldades para desenvolver a habilidade de leitura (literária), e, se muito otimista, o gosto de ler literatura. Biblioteca sucateada, enfoque nos conteúdos para avaliações internas e externas, má distribuição do tempo para prática de leitura, pouco ou nenhum investimento e colaboração da família, ensino fragmentado da literatura descrevem bem algumas dessas dificuldades.

Yunes (2016, p.32) tenta nos tranquilizar dizendo que “o professor não tem que se esfalfar sozinho para criar o gosto pela leitura”. Porém, é evidente que é dele que a sociedade cobrará.

Há algumas décadas, o ensino de literatura nas escolas públicas passa por uma crise visível. Em todos os níveis de ensino, indubitavelmente, a literatura tem perdido espaço, e seu ensino, muitas vezes empobrecido, constrói uma imagem errônea que desestimula e distancia os alunos dessa arte.

Na escola pesquisada, alunos entre 12 a 15 anos não leem ou leem pouco livros literários. É um público que reforça a ideia de crise no ensino de literatura no Brasil. Crise que desejamos combater, tentando contribuir na transformação dessa

realidade problemática em um cenário positivo. Para isso, foi necessário, refletir sobre o desenvolvimento das ações da atualidade, propor e agir a favor da leitura.

Assim, a pesquisa interventiva entra em cena para auxiliar o propósito deste trabalho, pois nos permite (re) conhecer, rever e renovar as formas de trabalhar com a literatura em sala de aula, para, assim, formar leitores proficientes.

A pesquisa interventiva corrobora ao passo que nos mostra a realidade, o que deve ser aproveitado, dispensado, recusado, estudado para que seja implementada uma postura inovadora e transformadora no ensino. Brasileiro (2013) diz que esse tipo de pesquisa

objetiva interferir na realidade estudada com o intuito de modificá-la. Trata-se, portanto, de uma pesquisa com compromisso de resolver um problema e, normalmente, é realizada em parceria com instituições capazes de dar autonomia de ação ao pesquisador [...]. (BRASILEIRO, 2013, p. 45)

Por isso, o desenvolvimento desta pesquisa foi de caráter interventivo, pois “tem como finalidade contribuir para a solução de problemas práticos” (DAMIANI, 2017).

Apoiada na intenção de agir para aprimorar o ensino de literatura nas séries finais, utilizamos suporte teórico baseado nas autoras Coelho (2006), Colomer (2007), Busatto (2007) e no autor Cosson (2018), por nos inspirarem ideias e aflorarem a criatividade para inovação no campo literário.

Percebemos, então, que, para nortear nosso estudo, alguns aspectos perpassam o presente processo metodológico. São eles: a caracterização dos membros envolvidos na pesquisa, as etapas e os instrumentos para coletas de dados. A seguir, cada um dos aspectos será exposto.

4.2 Caracterização dos membros envolvidos na pesquisa

4.2.1 Perfil dos alunos

O público adolescente é um desafio para os professores. Em uma fase de mudanças no corpo e na mente, sentimentos aflorados, aceitação ou reprovação da vida adulta que chega cada vez mais perto de sua porta, alunos adolescentes têm

muitas situações novas para administrar. E administrar o tempo para a leitura por prazer está cada vez mais raro na juventude contemporânea.

Na realidade da escola pesquisada, podemos ver que os alunos do 6º ano ao 9º ano têm muita dificuldade em ler. As razões são variadas: os meios tecnológicos que disputam espaço (lembramos que, quando bem utilizados, colaboram na formação e prática leitora); inserção no mercado de trabalho por uns; comunidade violenta; a não cultura de leitura no âmbito familiar; enfim, a vulnerabilidade social.

Outra razão: a falta de acervo na biblioteca escolar para a faixa etária das séries finais. Poucos exemplares, os existentes estão em condições precárias e, quando chegam livros enviados pelo Ministério da Educação, são livros literários voltados à Educação Infantil, e não à juvenil. Além disso, a utilização da biblioteca é praticamente impossível porque o espaço não comporta a presença de alunos/turma e o atendimento não é atrativo. Resultado: trabalhar com a literatura nas séries finais desta escola é desafiador.

Aceito o desafio, sentimos a necessidade de desenvolver o projeto tendo como público alvo os adolescentes da escola; especificamente, um grupo de 9º ano do ensino fundamental, pois é principalmente nessa faixa etária que encontramos problema em trabalhar com a literatura.

Para entendermos um pouco melhor, nessa escola da periferia existem duas turmas de 9º ano: uma no período matutino (41 alunos) e outra no vespertino (39 alunos). Escolhemos realizar a divulgação na turma do matutino por ser considerada indisciplinada e ter a maior quantidade de alunos. A intenção foi proporcionar o contato com atividades culturais e cooperativas que contribuíssem positivamente na aprendizagem, no comportamento e na formação humana e social. Segundo Lajolo (2005):

Em movimento de ajustes sutis e constantes, a literatura tanto gera comportamentos, sentimentos e atitudes, quanto, prevendo-os, dirige-os, reforça-os, matiza-os, atenua-os; pode revertê-los, alterá-los. É, pois, por atuar na construção, difusão e alteração de sensibilidades, de representações e do imaginário coletivo, que a literatura, torna-se fator importante na imagem que socialmente circula, por exemplo, de criança e de jovem. (LAJOLO, 2005, p. 26-27)

A literatura pode então “estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos de outros seres humanos que nos

cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver” (TODOROV, 2009, p. 76).

4.2.2 Perfil da professora regente

A formação acadêmica da professora regente foi em sua maioria realizada no estado do Tocantins, ensino médio, graduação, especialização e atualmente mestrado. Foi durante a graduação em Letras que surgiu o interesse pela contação de histórias. Isso porque alguns colegas, artistas da palavra narrada, a encantaram com intervenções literárias nos eventos em que organizava.

Sempre envolvida na organização dos eventos acadêmicos, apreciadora (amadora) de arte e disposta a aprender, introduziu a ideia de despertar o gosto pela leitura literária por meio da contação de história, ainda em seu trabalho de conclusão, cujo foco foi voltado aos alunos do Ensino Médio.

Já licenciada em Letras, trabalhou como assistente de formação humana e social em uma ONG. Esta ONG tinha como missão oportunizar educação informal que contribuíssem para a aprendizagem de crianças, jovens e adultos (muitos dos quais eram oriundos da rede pública).

Nesse sentido, pesquisou, estudou e ministrou oficinas sobre a temática para professores nas formações oferecidas pela instituição, além de realizar contação de histórias semanalmente para turmas com crianças e adolescentes em vulnerabilidade social.

O interesse pelo tema foi fomentado pela ONG, que estimulava pesquisa e prática contínuas. Ao assumir função como servidora pública da rede municipal de ensino de Palmas, percebeu que a literatura deveria ser trabalhada com ênfase nos efeitos humanizadores e transformadores pela palavra. Foi então que surgiu a ideia de corresponsabilizar os adolescentes na busca de incentivar outros alunos da escola a lerem literatura e contar histórias seria um caminho para este fim.

Assim como os alunos do grupo, essa professora está em processo contínuo de aprendizagem, formando-se contadora de histórias entre erros, acertos e recriando formas de evidenciar o quão importante é a arte da palavra.

4.2.3 Perfil da escola

A escola pesquisada está localizada na periferia da capital Palmas – TO. Com 736 alunos, segundo dados do Censo Escolar 2018. Possui 22 turmas, divididas do 1º ao 9º ano do ensino fundamental em jornada parcial (matutino e vespertino).

Fundada em 2002, sua estrutura é pequena comparada às escolas de jornada integral. Tem 11 salas de aula, 01 quadra poliesportiva, 01 sala para coordenação, 01 sala para orientação escolar, 01 sala para secretaria, 01 sala para os professores, 02 salas para depósito e 01 cantina. Em uma das salas de aula ociosas foi instalada uma divisória, em que de um lado funciona a sala de vídeo – utilizada também para reforço escolar e, do outro, a biblioteca.

A biblioteca, assim como muitas outras, serve de depósito de diversos objetos, não sendo adequada para manter os livros, nem para utilização dos alunos, pois faltam acervo e mobiliário. Também não há laboratório de informática, o que dificulta mais ainda o desenvolvimento de trabalhos de pesquisa.

O papel da biblioteca dentro da escola é algo importante por oportunizar o desenvolvimento do conhecimento em todas as áreas. Pérez-Buendía (2016) propõe que pensemos a biblioteca escolar como um território que tenha um “projeto político pedagógico próprio para o desenvolvimento da cultura letrada na escola, por meio do qual a comunidade escolar organize suas ações esperadas para apoiar todos os processos de ensino e aprendizagem” (Pérez-Buendía, 2016, p.11). Sabendo desta realidade, procurei parcerias com outras instituições para realizar atividades de leitura com os alunos da escola.

A biblioteca do Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU), vinculada à Secretaria Municipal de Habitação (SEHAB), e a Fundação Fé e Alegria do Brasil (FYA) disponibilizaram a utilização de suas bibliotecas para tal ação. Essa última, emprestou também 100 exemplares para a professora realizar/incentivar leitura. Um trabalho conjunto em prol da leitura e, após articulação, conseguimos a doação de mais de 1000 exemplares de livros, bem como alguns mobiliários para a biblioteca e possivelmente LABIN – Laboratório de Informática.

Além disso, confeccionei *puffs* com pneus para ambientação da biblioteca, o que serviu de inspiração para o desenvolvimento, posteriormente, de oficinas com os alunos do grupo, para assim arrecadar recursos que implementassem a biblioteca escolar.

No que tange ao atendimento, foi possível perceber falta de preparo dos funcionários por ela responsáveis, pois os alunos evitam entrar na biblioteca, até mesmo os professores sofrem restrições para ter acesso ao acervo da biblioteca, quando na verdade deveria existir nela para um bom atendimento “profissionais específicos para elaborar e gerir o projeto de trabalho. Nada se movimenta sem a existência de uma pessoa que, compreendendo a importância educativa desse projeto, assuma sua coordenação” (Pérez-Buendía, 2016, p.24). Diante desse dilema, confeccionei um armário com material reciclável (caixotes de madeira) para transportar os livros até a sala de aula ou pátio, numa busca de aproximar alunos e livros e assim proporcionar leitura.

4.3 Instrumentos para coleta de dados

Nesse trabalho utilizamos desde métodos de observação a registros escritos para análise. Dentre os instrumentos para coleta de dados, dois foram essenciais: o diário de bordo e o portfólio com textos, fotos e questionários.

4.3.1 Diário de bordo

Um gênero novo para o trabalho com o grupo contadores de histórias, até mesmo, pouco desenvolvido em turmas da escola. Esse gênero requer de seu escritor: disciplina, organização, atenção e responsabilidade.

Segundo o *site* da FEBRACE (2018), o diário de bordo, como gênero científico, é

um caderno ou pasta no qual o estudante registra as etapas que realiza no desenvolvimento do projeto. Este registro deve ser detalhado e preciso, indicando datas e locais de todos os fatos, passos, descobertas e indagações, investigações, entrevistas, testes, resultados e respectivas análises. (FEBRACE, 2018)

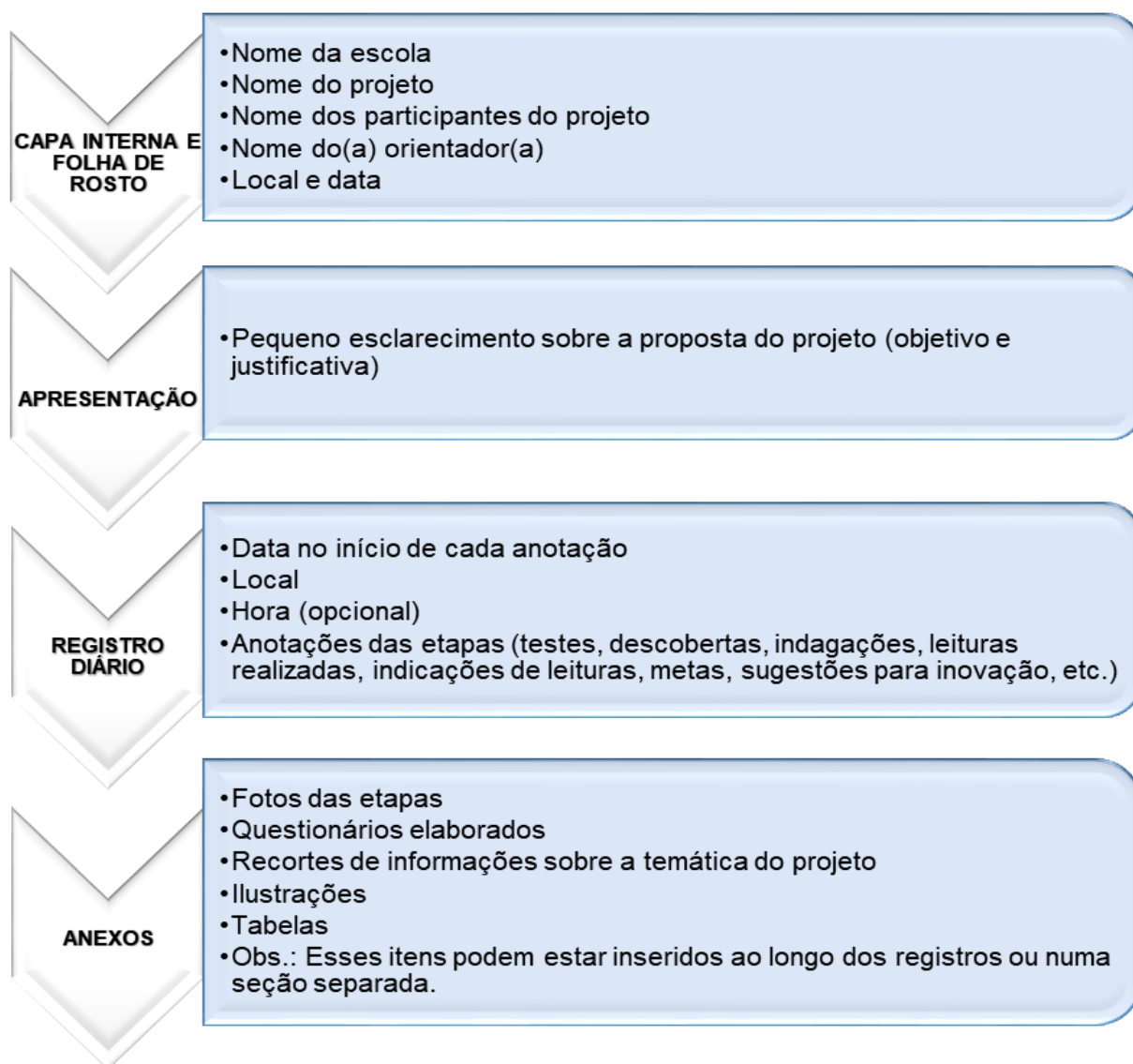
Ou seja, o diário de bordo constitui um registro fiel daquilo que aconteceu relacionado ao projeto, o que foi positivo, negativo, produtivo, improdutivo, eficaz ou ineficaz.

Cada participante do grupo ganhou um caderno de brochura para realizar seus registros, suas impressões, dificuldades e leituras realizadas ou desejadas. Houve, também, um momento para confecção das capas dos diários, aproveitando a temática dos contos maravilhosos, em que cada qual ornamentou com um personagem literário próximo ao tema.

Para a escrita nos diários, não foi imposta regra de utilização da linguagem formal, mas trabalhamos nas aulas de Língua Portuguesa as dificuldades encontradas nos registros. Nos encontros optamos por dar um direcionamento quanto à organização das ideias e estrutura do gênero, como data, local, ação realizada, observações, pesquisas e outros trabalhos produzidos, imagens que foram colocadas nos diários, lembretes e indicações para que não houvesse demora no registro, pois poderiam esquecer algum fato importante.

Mais do que um diário de leitura, o registro no diário de bordo atribuiu caráter científico a ação que os contadores de histórias desenvolveram. Isso porque não só registravam opiniões, resumos das leituras, anotavam suas impressões, tentativas exitosas e falhas, analisavam suas posturas diante a realização das atividades.

Figura 1 - Modelo de diário de bordo



Fonte: elaboração da autora

Acima vimos a sugestão para a elaboração dos diários de bordo utilizadas no projeto, que serviu para cada jovem anotar tanto o processo de suas leituras como sua formação de agente, de mediador e de aplicador nas ações. Já a confecção da capa foi algo que partiu da criatividade de cada participante após as conversas.

4.3.2 Portfólio

O portfólio foi outra ferramenta que contribuiu para a organização do projeto. Por ser um instrumento de “gênero discursivo misto, que comporta outros gêneros,

já que uma das suas características é a de organizar documentos que registrem o percurso de um trabalho” (BRASILEIRO, 2013, p.120), primou-se por fornecer uma pasta para cada participante.

Da mesma forma que o diário de bordo, a professora também obteve uma pasta, em que todos os textos trabalhados (cópias dos contos), reescrita dos contos, elaboração de perguntas para os questionários, moldes de bonecos para a contação de história, termo de autorizações, entre outros itens importantes para a pesquisa foram arquivados, pois o portfólio “trata-se de uma coleção do trabalho do aluno que conta a história, de maneira reflexiva, dos seus esforços, progressos ou desempenho [...]” (Ibid., p.120).

Essa ferramenta serviu para organização e planejamento das ações que realizamos. Porém, para os alunos a pasta portfólio serviu em grande parte para guardar as cópias de textos, já que preferiam colocar as demais informações no diário.

4.4 Etapas

O enfoque deste trabalho foi o incentivo à leitura literária. Como estratégia, elegemos a contação de histórias, tendo como grupo experimental alunos do 9º ano. Então, com o intuito de nortear o desenvolvimento da pesquisa, foram pensadas cinco etapas fundamentais como sequência didática: recrutamento, leitura e identidade, formação de jovens mediadores de leitura, planejamento/treinamento e apresentações.

4.4.1 Primeira etapa: Recrutamento

Inicialmente, disponibilizamos à turma matutina do 8º ano em 2017 (9º ano em 2018) dez vagas para alunos que desejassem ser voluntários no projeto. Isso porque, para cativá-los, não queríamos impor a prática de leitura como atividade escolar obrigatória.

O intuito para a criação do grupo de contadores de histórias foi atrair jovens para a apreciação da arte da palavra de forma prazerosa, por entender a

importância e querer desenvolver o hábito de leitura. Colomer (2007) explica que existem diversas formas de organização para trabalhar a leitura. Dentre elas, o “trabalho em projetos prolongados mostrou ser uma das mais eficazes. Também é uma das que melhor permitem que os alunos se beneficiem da relação entre a literatura e as aprendizagens das distintas áreas curriculares” (COLOMER, 2007, p.119).

A divulgação na turma despertou interesse de uma quantidade de alunos que ultrapassou o limite de vagas, sendo necessário oferecer mais quatro vagas. Escolhemos trabalhar com um grupo contendo 14 alunos, por causa de situações que impossibilitariam a realização do projeto com maior quantidade de participantes, tais como:

- A escola não possui espaço físico suficiente para realização dos encontros;
- Tampouco tem recursos materiais que contemplem a turma inteira;
- Só disponho de tempo para orientar e conduzir os encontros no dia da livre-docência.

Assim, o critério para a seleção baseou-se na procura dos primeiros que anotaram os nomes na lista. Isso porque o objetivo inicial não era apenas dar oportunidade de despertar o gosto pela leitura dos alunos que não tinham hábito de ler, mas também não deixar de fora quem já o cultivava.

Isso posto, o grupo ficou composto por 14 alunos entre 13 e 15 anos, sendo 07 meninas e 07 meninos. Dois integrantes não puderam continuar até a culminância por razões pessoais; dessa forma, apenas 12 participantes concluíram - total idealizado no princípio.

Vale ressaltar que o recrutamento aconteceu em dois momentos: no antepenúltimo mês do ano de 2017 e no início do ano letivo de 2018. No primeiro momento serviu como motivação e, em decorrência das demandas da escola, não foi possível iniciar os encontros ainda em 2017. Já em 2018, tive que refazer a divulgação para garantir que a ideia dos CH fosse realizada durante o ano.

4.4.2 Segunda etapa: Primeiras leituras e interação do grupo

O primeiro contato serviu para conhecer melhor os participantes, seus gostos, suas dificuldades e suas expectativas em relação à participação no grupo. Para isso, diálogo e observação foram primordiais para a obtenção de dados que contribuíssem às etapas seguintes.

Com base nesse diagnóstico inicial pudemos notar que a aluna era leitora assídua, os demais participantes liam pouco ou não liam livros literários, somente *sites* de entretenimento, redes sociais e o que lhes solicitam para as atividades escolares. Leitura de músicas e filmes são realizadas de modo superficial ou decodificação.

Nessa segunda etapa tentamos, por meio do diálogo, exercitar a contação de histórias que realizamos naturalmente. Cada participante contou um pouco da sua história, o que lhe chamou atenção em algum momento de sua vida, sua experiência com a leitura e o que esperava do projeto.

Em seguida, houve o esclarecimento que todos contamos histórias naturalmente, mas que no grupo essa habilidade seria aprimorada e direcionada a disseminar leitura na escola e comunidade. Conteí também minhas histórias sobre experiências com a leitura. Uma das histórias que conteí foi conto *Bruxo e o caldeirão saltitante*, de J.K. Howlling², que envolve os jovens na contemporaneidade através da literatura fantástica.

Foram três encontros com esse exercício inicial. Além da escolha de livros de gêneros e temas que preferiam, cada participante relatou as leituras realizadas durante as semanas desde que o projeto começou, intercalados aos contos apresentados pela professora.

A partir das socializações das leituras, identificação das preferências de cada um, foi lembrado que o foco do grupo era contar histórias principalmente para crianças e que seria apropriado escolher um gênero para desenvolver as leituras, ensaios e apresentações. Sugerimos utilizar os contos maravilhosos, por serem mais atrativos às crianças e ricos em informações de distintas culturas, pois

² HOWLLING, J.K. O Bruxo e o Caldeirão Saltitante. In: *Os contos de Beedle, o Bardo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

os contos possuem a enorme vantagem de ensinar às crianças a “pensar só com as palavras”, ou seja, sem apropriar-se na percepção imediata, nem em um contexto presente que lhes permite elaborar um modelo mental do mundo muito mais rico e um vocabulário para falar sobre ele. (COLOMER, 2007, p. 104-105)

Outras sugestões foram ouvidas e, expostas as opiniões, decidiram pela primeira opção, firmando a autonomia do grupo.

Ainda nesta etapa, o diário de bordo foi apresentado como instrumento para registro das leituras, impressões, ideias e observações decorridas ao longo da participação no projeto. Cada participante recebeu um caderno para, na oficina de produção de capas, confeccionar ao seu gosto o diário.

4.4.3 Terceira etapa: Formação de mediadores de leitura – a teoria

Os passos supracitados (a divulgação, a seleção dos integrantes para o grupo, a escuta de histórias, o contar pela voz dos alunos e da professora, as leituras livres e as rodas de conversas) introduziram as práticas do projeto. Ou seja, fundamentamo-nos através da sequência básica do letramento literário dita por Cosson (2009) nos passos da motivação e da introdução. Serviram como aquecimento, contendo informações importantes para serem aprimoradas na etapa seguinte: a teorização. Os dois outros passos (leitura e interpretação) apresentados pelo autor também foram trabalhados anteriormente, porém foram mais explanados nesta etapa. Assim, a fundamentação teórica necessária para a construção do mediador e contador de histórias ganhou forma a partir da terceira etapa.

Rildo Cosson, ao falar das sequências – básica e expandida – apresenta estratégias para o ensino de literatura, dentre as quais “a contextualização teórica procura tornar explícitas as ideias que sustentam ou estão encenadas na obra” (COSSON, 2009, p.86). Mais além, vemos a teoria necessária para fortalecer os conhecimentos sobre as técnicas de contação de histórias e também para que os alunos tenham mais propriedade, segurança a respeito do texto lido.

Apresentei textos escritos, vídeos, áudios e contei histórias para mostrar as possibilidades de realização da leitura literária, além de exibir a variedade de formas

para a mediação³. Os alunos realizaram leituras individuais e compartilhadas, exercitando a oralidade e também levantando informações intertextuais.

Então, antes de tudo, o aluno precisaria ler. Ter contato mais próximo, íntimo com a literatura, formando-se como leitor. Formando-se, pois é um processo de contínua construção, no qual a cada passo na caminhada pela leitura se agrega um novo conhecimento. Yunes (2016) mostra que

Formando mentalidades, a leitura desdobra o individual e estende sua rede às tramas sociais, uma vez que o leitor experiente é mais que um leitor; ele passa a eleger suas atitudes, ou deveria fazê-lo, com a consciência crítica do que sabe e entendeu. (YUNES, 2016, p. 41)

Foi justamente esse processo para se tornar um leitor que atravessou pelo projeto que não pode ser dado como concluído pelo fato de sempre haver possibilidade de renovação, reconstrução na formação leitora.

Para a leitura dos textos escritos, além de livros lidos por cada participante a sua escolha (geralmente romances), foram selecionadas, previamente, narrativas que retomassem aos contos populares. E “o conto maravilhoso, sendo parte do repertório dos contos populares, surge como uma alternativa motivadora do interesse pela literatura na educação básica e da formação do leitor competente” (MEDEIROS; CARMO, 2019, p. 7).

Partindo desse princípio, pude, por meio das ideias de Propp, esclarecer a diferença entre “conto de fadas” e “conto maravilhoso”, sendo o primeiro termo julgado por ele como “impróprio”, pois é uma narrativa com funções que não contemplam as histórias sem a presença de fadas e, por considerar que falta uma definição melhor, o autor nos sugere “contos míticos” como a mais conveniente (PROPP, 2001, p.116). Em seu livro *Morfologia do conto maravilhoso*, o autor analisa os contos não pela temática, mas pela composição estrutural indicando sete funções que as personagens desempenham, e isso caracteriza o gênero de maneira mais abrangente.

Feita a distinção dos termos, o passo seguinte foi a leitura dos contos. Ela se deu de duas formas: textos iguais a cada participante e textos distribuídos por grupo. Na primeira forma, todos os alunos receberam os contos Rosicler – “A bela adormecida no bosque” (versão contemporânea, retirada da internet); “João e

³ Ver o manual com o material utilizado nos encontros, nos anexos.

Maria”; “Catarina”, “O Quebra-nozes” e “A história dos três ursos” (versões clássicas do livro *Contos de Fadas*). Já na segunda forma, as cópias dos textos foram distribuídas de acordo com a divisão de grupos menores. Assim houve um grupo que leu “Joãozinho e Margarida”, outro “Cinderela”, outro “Branca de Neve” (versões contemporâneas, retiradas da internet). Alguns grupos receberam as duas versões para melhor compreensão da história e para ampliar o repertório de contos.

A distribuição dos textos ocorreu dentro dos encontros semanais e algumas vezes nas aulas de português. Era solicitado aos alunos que fizessem a leitura prévia em casa para prepará-los para o encontro seguinte. Isso porque, quando realizávamos a leitura em grupo, as ideias presentes nos textos eram reforçadas ou ampliadas. Era aconselhado também que ao final do estudo de cada texto, o mesmo fosse guardado na pasta portfólio pois o aluno poderia utilizá-los fora da escola, em outros momentos de mediação.

Em um dos encontros levantou-se a questão sobre quais contos maravilhosos conheciam e quais iríamos trabalhar. No quadro a seguir, vemos a lista dos títulos levantados para a leitura.

Quadro 1 - Os contos maravilhosos levantados e os escolhidos pelos jovens

TÍTULOS LEVANTADOS	TÍTULOS ESCOLHIDOS
Pequeno polegar	X
João e Maria	X
Cinderela	X
Branca de neve	X
Chapeuzinho vermelho	X
A bela e a fera	X
Rosicler, a bela adormecida no bosque	X
Catarina, quebra-nozes	X
A história dos três ursos	X
João e o pé de feijão	
Os três porquinhos	
A pequena sereia	
O rei sapo ou Henrique de ferro	

Fonte: elaboração da autora

Ao longo dos estudos dos textos, os participantes foram adquirindo um repertório com informações textuais e intertextuais (oriundos das leituras dos contos) e também descobrindo estratégias para construir suas próprias maneiras de contar histórias, as que mais lhes agradassem. Para tanto, assistiram vídeos de curta duração de contadores de histórias profissionais, tais como: “O tapete, o binóculo e a maçã”⁴, “João e Maria”⁵, “Teatro de fantoche Chapeuzinho Vermelho”⁶, “A princesa e o sapo”⁷, e, no áudio de “Branca de Neve e os sete anões”⁸. As exhibições foram realizadas pelo aparelho celular e distribuídas no grupo da rede social criado para informações a respeito do projeto.

4.4.4 Quarta etapa: Planejamento/Treinamento

Depois de um período de aprofundamento teórico, chegou o momento de organizar as ideias, elencar as prioridades, expectativas e habilidades. O planejamento se fez necessário para que cada instância do projeto obtivesse o máximo de êxito.

De forma participativa, as ações foram planejadas nas reuniões em que os alunos decidiram a ordem das histórias a serem contadas, como seriam as apresentações, utilizando qual estratégia, quem ficaria com cada história, datas e horários, materiais necessários, entre outras situações excepcionais a cada ação.

No encontro semanal, após a socialização das leituras, solicitava que os participantes pensassem na organização para expor as histórias. Por exemplo, para apresentar às turmas do 1º ano da escola, os jovens contadores deram sugestões que foram anotadas no quadro, ficando acordado que nessa primeira aparição do grupo seriam contadas três histórias: “O pequeno Polegar”, “Joãozinho e Margarida” e “Rosicler – a bela adormecida no bosque”.

Dessa maneira, em grupos com três componentes, iriam estudar mais o conto indicado. Assim, cada subgrupo mencionou a estratégia que usaria:

⁴ TV Rá Tim Bum. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NuZdGix9P9Q>.

⁵ Fafá conta histórias. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XvDSwsgJahA>.

⁶ Animacaoeacao1. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=db_GFv1-FQ.

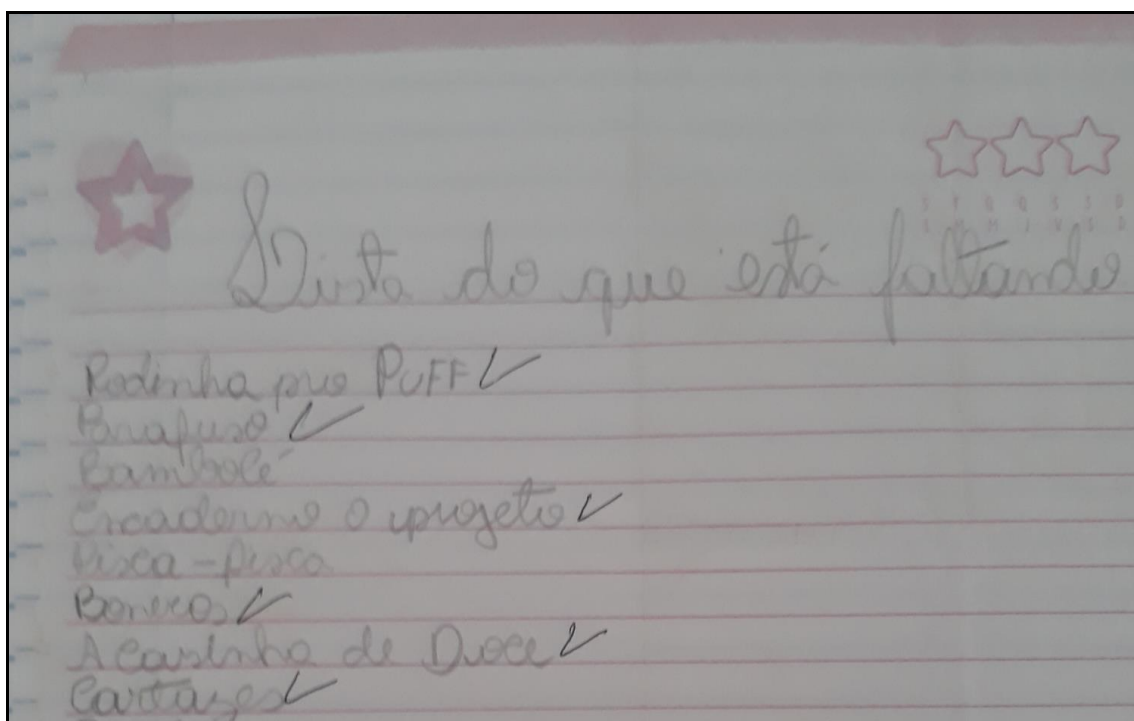
⁷ Memória infantil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F3izu2HjtAo>.

⁸ Os amiguinhos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=quqjTlrcjko>.

- O pequeno Polegar – contação de história/ narração simples, ou seja, apenas com o uso da voz;
- Joãozinho e Margarida – contação de história com bonecos;
- Rosicler – contação de história com bonecos.

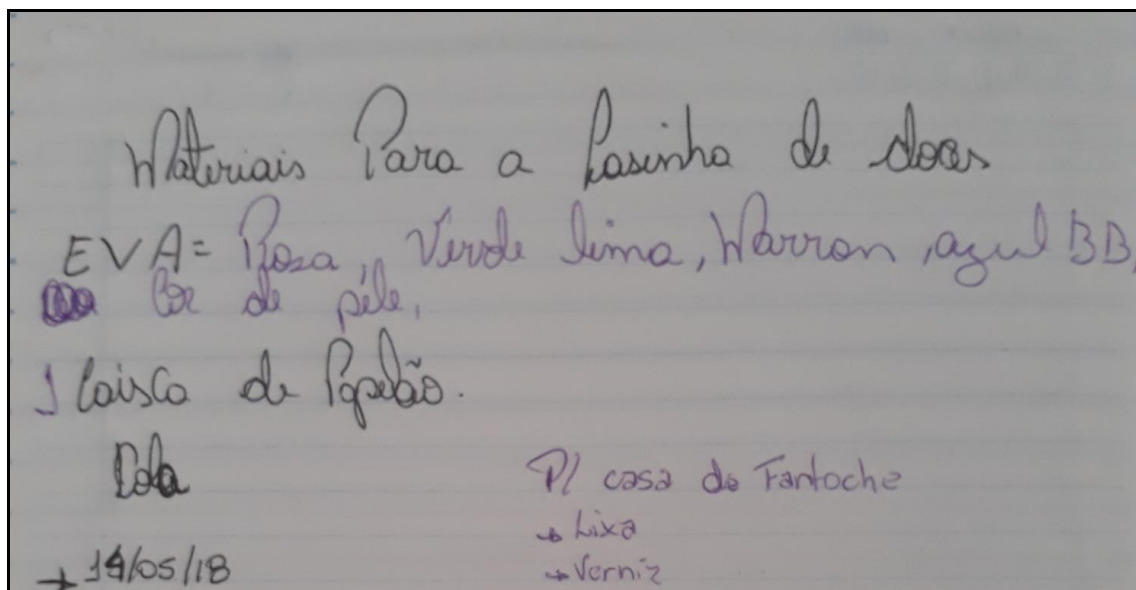
Os participantes fizeram listas de materiais necessários para a confecção dos figurinos, bonecos, ambientação e pensaram nos locais para a realização da apresentação das histórias. Isso porque, sabendo que a escola não possui muito espaço livre para que as contações acontecessem, os jovens tinham que analisar onde comportaria duas turmas do 1º ano, do período vespertino. As figuras abaixo mostram exemplos das listas feitas pelas jovens para organização das atividades.

Figura 2 - Lista de materiais para a feira de ciências FECMAR



Retirado do diário de bordo da Aluna 8

Figura 3 - Lista para confecção da casa de doces e reforma da casa de fantoche



Retirado do diário de bordo da Aluna 4

A logística para tal ação aconteceria na sala de vídeo, biblioteca e pátio. Também ficou combinado que, para não comprometer as aulas dos participantes do grupo, a ação fosse desenvolvida no contraturno (no caso o período vespertino) e no mesmo dia da semana que ocorrem os encontros (segunda-feira), pois alguns participantes tinham compromissos nos outros dias da semana.

Então, neste plano de ação houve a divisão de tarefas, na qual uma equipe responsabilizou-se por confeccionar os bonecos, outra por fazer adaptações ao texto de acordo com a estratégia escolhida pelo grupo e outra em pesquisar figurinos.

Os planejamentos foram feitos oralmente, mas também registrados, inicialmente no quadro ou em folha avulsa, depois registrados nos diários de bordo de acordo com a participação de cada um no plano.

Ao longo do desenvolvimento do projeto fizemos treze planos que sofreram alterações sempre que preciso. A seguir os planos feitos de maneira coparticipativa, de acordo com ordem em que ocorriam nos encontros:

3º encontro**Oficina 1****Data:05/03/2018****Tema:** Confecção dos diários de bordo**Objetivo geral:** personalizar, proteger e organizar os diários de bordo, produzindo capas removíveis.**Participantes:** todos/as do grupo**Lugar:** sala de vídeo**Procedimentos:**

I- História inicial: Felicidade Clandestina (Clarice Lispector);

II- Socialização do texto contado pela professora;

III- Confecção da base das capas dos diários com E.V.A.;

IV- Corte dos moldes das personagens da literatura infantil e juvenil nas folhas de E.V.A.;

V- Execução de sombreamentos (finalização no próximo encontro);

VI- Roda de leitura – Contação das histórias lidas pelos participantes durante a semana.

Recados e observações:

- Devolução de livros e novos empréstimo;
- Pensar em histórias para iniciar os ensaios;
- Registrar as leituras e o que aconteceu no encontro;
- Elaborar perguntas para aplicar o questionário nas séries iniciais sobre leitura, conforme sugerido.

O plano de ação acima foi o primeiro em que os jovens colaboraram, pois escolheram o tipo de personalização para as capas dos diários com a temática voltada à literatura infantil, fizeram um levantamento dos materiais para a confecção, (uma aluna anotou e me entregou a folha), acordaram que cada jovem produziria sua própria capa, sugeriram a aplicação de um questionário nas séries iniciais para conhecerem as crianças e as histórias que lhes agradavam e então decidir o ponto de partida.

6º encontro	<u>Plano de ação</u>	Data: 16/04/2018
Tema: Contos Maravilhosos		
Objetivo geral: sugerir a proposta de trabalho com contos maravilhosos para facilitar o estudo dos textos.		
Participantes: todos/as do grupo		
Lugar: sala de vídeo		
Procedimentos:		
I- Lembrar as recomendações do encontro anterior; II- Propor trabalho com Contos Maravilhosos; III- (Se aceito) ler contos clássicos e versões contemporâneas; IV- Pensar em nomes dos contos conhecidos; V- Dividir equipes de trabalho (cada grupo com um conto).		
Recados e observações:		
- Verificar as questões para a entrevista.		

8º encontro	<u>Plano de ação</u>	Data: 07/05/2018
Tema: Reorganização das histórias por grupo		
Objetivos: Escrever e aprimorar o questionário para aplicar nas turmas das séries iniciais; preparar oito histórias para ler, ensaiar e apresentar.		
Participantes: todos/as do grupo		
Lugar: sala de vídeo		
Procedimentos:		
I- Sugestões:		
a) O pequeno polegar _____		dramatização/narração simples
b) João e Maria _____		contada com instrumento
c) O rei sapo ou Henrique de ferro _____		flanelógrafo
d) Os três porquinhos _____		livrão
e) Cinderela _____		dramatização/narração simples
f) Rapunzel _____		fantoche
g) Chapeuzinho Vermelho _____		contada com instrumento

h) A bela e a fera _____ fantoche

II- Analisar o questionário com o grupo;

III-Tentar parceria com as merendeiras, supervisores e orientadoras educacionais para produção de brigadeiros, em que as crianças também produzirão para a cesta da Chapeuzinho Vermelho;

IV- Orientar a escrita no diário de bordo;

V- Confeccionar materiais e organização dos cenários;

VI- Ensaiar;

VII- Definir itens para pesquisa pelos os integrantes do grupo para pesquisa:

- Histórias maravilhosas pouco conhecidas;
- Terminar o questionário;
- Contar as versões clássicas e contemporâneas dos contos encontrados.

VIII- Melhorar o ambiente da biblioteca:

- Puffs;
- Bonecos;
- Pintura;
- Tapete;
- Mesas;
- Almofadas.

Recados e observações:

Esse plano já apresenta reformulação com base no que foi mencionado pelos jovens, já que algumas histórias não foram estudadas e o conto Branca de Neve foi acrescentado.

10º encontro

Plano de ação

Data: 28/05/2018

Tema: Oficinas – bonecos 3D, *puffs* e figurinos

Objetivo geral: ensinar a produzir itens que contribuirão para a ação de contar histórias, assim como possível atividade para geração de renda.

Participantes: os alunos e alunas do grupo interessados em cada oficina.

Lugar: biblioteca e pátio.

Procedimentos:**OFICINA DE BONECOS 3D** – 4 bonecos e 1 casinha de doces

I- Ensinar a encapar as bolas de isopor para cabeças e pés, recortar corretamente, sombrear e colar cada parte do boneco.

II- Materiais necessários:

20 unidades – bolas de isopor (tamanhos: duas de 0,50 mm; duas de 0,60 mm; oito de 0,25 mm e oito de 0,40 mm);

4 unidades – bastões de cola quente;

1 unidade – pistola de cola quente;

1 tubo – cola instantânea;

4 unidades – tesouras;

1 unidade – estilete;

4 unidades- régua;

1 unidade – lixa de madeira;

15 unidades – folhas de EVA coloridas;

4 tubinhos – tinta acrílica nas cores: branca, preta, azul e marrom;

2 unidades – pincéis de pintura números 0 e 2;

1 pacote – palito de churrasco;

Fitas coloridas;

1 caixa de papelão;

2 unidades – papel cartão.

OFICINA DE PUFF

I- Dividir equipes para ensinar cada passo:

a) recortar círculos nas folhas de compensado;

b) recortar o couro sintético e a espuma;

c) furar com a furadeira os compensados e pneus;

d) colar com cola quente a espuma no pneu;

e) pregar com grampeador de tapeceiro o couro sintético por cima da espuma no pneu;

f) fazer acabamento interno com TNT.

II – Materiais necessários:

3 unidades – pneus;
6 unidades – círculos de compensado;
8 unidades – bastões de cola quente;
1 unidade – pistola de cola quente;
1 unidade – estilete;
1 unidade – régua;
1 unidade – furadeira;
1 unidade – grampeador de tapeceiro;
1 caixa – grampo;
12 unidades – parafusos grandes;
36 unidades – parafusos pequenos;
9 unidades – rodilhas com e sem travas;
3 metros – TNT;
4 metros – espuma de 3 cm;
6 metros de couro sintético.

OFICINA DE FIGURINOS E ACESSÓRIOS

I- Solicitar voluntários para confeccionar:

- Convite do príncipe para o baile;
- Saias para Cinderela, madrasta e fada;
- Trapos para a Cinderela.

II- Materiais necessários:

15 metros de tule (roxo, azul, branco e preto)
1 pacote de elástico;
4 tesouras;
2 unidades de papel A4;
1 pedaço de fita de cetim.

Observação: esta oficina servirá para a separação dos instrumentos do cenário.

Tema: Organização para a feira de ciências

Objetivo geral: Confeccionar materiais, ornamentar a sala de exposição, ensaiar as apresentações – sobre um relato das experiências vividas no projeto e histórias que serão contadas.

Participantes: todos/as do grupo

Lugar: biblioteca

Procedimentos:

I- Confeccionar:

- Cartazes (Contos de fadas, enquete, banner sobre pesquisa em sala de aula);
- Lembrancinhas (pirulitos decorados da Chapeuzinho Vermelho);
- Caderno de visitas;
- Cortinas com tule e pisca-pisca;

II- Organizar

- Diários de bordo;
- Mesas para expor os bonecos 3D, diários de bordo, Projeto encadernado, lembrancinhas e caderno de visitas;
- Cantinho da leitura;
- Cantinho dos fantoches.

III- Dividir equipes para:

- Explicar cada estação ao público da feira e avaliadores (uma equipe para cada estação);
- Montar e desmontar as estações na sala de aula disponibilizada;
- Selecionar os livros para o cantinho da leitura;
- Divulgar venda dos produtos confeccionados pelo grupo.

16º encontro

Plano de ação

Data: 03/08/2018

Tema: Contação de história – João e Maria (versão clássica)

Objetivo: Apresentar o conto para as turmas que não assistiram à contação desta história; colocar em prática as habilidades desenvolvidas com base nas leituras e ensaios realizados ao longo do semestre.

Participantes: todos/as do grupo, crianças do 1º ao 3º ano e professoras das séries iniciais da escola.

Lugar: salas de aula

Procedimentos:

I- O grupo será subdividido (quatro equipes, contendo três integrantes em cada equipe).

II- Todos contarão o mesmo conto na versão clássica – João e Maria.

III- Em cada sala haverá um trio de contadores de histórias.

IV- A performance poderá ser:

Leitura dramatizada, narração simples ou narração com bonecos.

17º encontro

Plano de ação

Data: 15/08/2018

Tema: Aniversário da escola e entrega do prêmio para professora

Objetivos: Programar a apresentação para esse evento, ensaiar e elaborar a programação.

Participantes: todos/as do grupo

Lugar: pátio

Procedimentos:

I- Dois alunos falarão sobre o projeto – importância e expectativas;

II- Escolher o(s) conto(s) para apresentar;

III- Programação:

Momento cívico;

Fala do diretor sobre aniversário da escola;

Leitura de poema sobre a escola;

Fala dos alunos do grupo sobre o projeto;

Apresentação: Cinderela;

Entrega do prêmio para professora;

Encerramento.

19º encontro	<u>Plano de ação</u>	Data: 27/08/2018
<p>Tema: Contos: Catarina, Quebra-nozes e A história dos três ursos</p>		
<p>Objetivo geral: ler o conto e estudá-lo para apresentação nas turmas de 1º ano.</p>		
<p>Participantes: todos/as do grupo</p>		
<p>Lugar: sala de vídeo</p>		
<p>Procedimentos:</p>		
<p>I- Ler os contos para o grupo de jovens contadores;</p>		
<p>II- Propor dividi-los em grupos menores para estudo e ensaio;</p>		
<p>III- Marcar data para contação nas salas das turmas de 1º ano;</p>		
<p>IV- Pensar estratégias para a apresentação.</p>		
<p>Recados e observações:</p>		
<p>Ficou decidido apresentar o conto Catarina, Quebra-nozes, utilizando a imagem dos personagens colados em palitos de picolé e o conto A história dos três ursos com o auxílio do livro.</p>		

20º encontro	<u>Plano de ação</u>	Data: 03/09/2018
<p>Tema: Ensaio geral das histórias estudadas – Apresentação no CMEI Cantinho da alegria</p>		
<p>Objetivos: Ensaiar e organizar as tarefas para apresentação no CMEI.</p>		
<p>Participantes: todos/as do grupo</p>		
<p>Lugar: sala de vídeo, pátio e estacionamento.</p>		
<p>Procedimentos:</p>		
<p>I- Cada grupo irá ensaiar sua história em um lugar disponível na escola;</p>		
<p>II- Ao término dos ensaios, dar avisos sobre data, horário, ordem das apresentações, divisão de responsabilidades, entrega do bilhete para os pais autorizarem a saída dos filhos (participantes do grupo de jovens contadores) da escola;</p>		
<p>III- Relembrar ao diretor a necessidade de transportar os alunos até o CMEI.</p>		

Recados e observações:

A apresentação foi adiada duas vezes pela diretora do CMEI por incompatibilidade de horários, pois surgiram duas demandas solicitadas pela SEMED para as datas marcadas.

22º encontro**Plano de ação****Data: 17/09/2018**

Tema: FECIT – Feira de Empreendimento, Inovação e Tecnologia do Tocantins

Objetivo geral: preparar os três jovens contadores de histórias para apresentarem o projeto na FECIT, separar materiais para o estande, entregar os bilhetes de autorização dos pais para a participação no evento externo.

Participantes: duas meninas e um menino do grupo para exposição na feira; todos do grupo para organização.

Lugar: biblioteca

Procedimentos:

- I- Recolher todos os diários de bordo (pedir para atualizarem);
- II- Organizar os bonecos e demais itens produzidos para levar para a mesa do estande;
- III- Mostrar o banner pronto;
- IV- Separar livros para a estante de caixotes;
- V- Ensaiar os alunos que apresentarão na feira científica.

Recados e observações:

A FECIT ocorrerá nos dias 18 e 19 de outubro, das 8h às 18h, no Instituto Federal do Tocantins – IFTO.

4.4.5 Quinta etapa: Apresentações

Já na quinta etapa, os jovens mediadores de leitura realizaram atividades de incentivo à leitura com crianças da 1ª fase do Ensino Fundamental (primeiramente nos 1º e 2º anos) da própria escola, ao longo do ano.

O encerramento do projeto estava previsto para ocorrer no Dia das Crianças em que o grupo contaria histórias, faria leituras dramáticas, declamações e atividades teatrais. A intenção era que o grupo tivesse, ao longo do 2º semestre, um repertório de histórias que pudesse ser apresentado em outros momentos, em eventos da escola e fora dela. Foram sete dias de apresentações, no entanto, em um mesmo dia ocorreu mais de uma performance, ou seja, na primeira delas foram apresentadas a mesma história em salas diferentes. No capítulo 5.5 voltaremos nesse assunto.

Vale lembrar que não foi possível o encerramento do projeto no período planejado, por situações imprevistas que impossibilitaram a realização da comemoração do Dia da Criança na escola. Fizemos uma confraternização simples como despedida do grupo.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Quando se trata do trabalho com leitura nas escolas, o quadro geralmente é semelhante. O cenário da leitura no país é preocupante, mostrado, por exemplo, nos resultados da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, realizada e coordenada pelo Instituto Pró-livro e IBOPE Inteligência. Em 2016, 4ª e, até então, última edição, a pesquisa apontou que são considerados leitores aqueles que leram no mínimo um livro nos últimos três meses. Um dado alarmante, já que em 2017 os resultados foram quase os mesmos, sem avanços.

A falta de leitura (ou pouca) é um dos grandes problemas de aprendizagem na escola. Nesta pesquisa não abordamos todas as deficiências educacionais, mas, por considerarmos a leitura como solucionadora de diversos dilemas sociais, desejamos proporcionar o contato dos alunos com a literatura para melhorar a habilidade leitora. Isso porque os estudantes da escola pesquisada, localizada na região sul de Palmas, fazem parte desse retrato negativo apontado pela pesquisa do Instituto Pró-livro e IBOPE Inteligência.

Em consequência disso, houve a necessidade de investigar as práticas de leitura literária dos alunos, compreender os fatores que corroboram para o desagrado com a leitura, para buscarmos e aplicarmos ações para a formação de leitores e disseminação da leitura aos demais alunos da escola e da comunidade – preferencialmente os adolescentes.

Como já mencionamos, o foco foi formar um grupo com alunos do 9º ano como leitores e contadores de histórias. Assim, analisamos aqui os aspectos quanto aos encontros, às oficinas, às leituras e socializações, aos ensaios, às apresentações, aos obstáculos e às conquistas ao longo da aplicação do projeto no ano de 2018, bem como à ideia de continuidade.

5.1 Os encontros

O projeto foi centrado na perspectiva de ação voluntária, sem acréscimo direto de nota para a disciplina de Língua Portuguesa. Por essa razão, não utilizei o termo aula, mas sim encontro, dando “um ar” mais intimista, de proximidade.

Apresentei a ideia geral do projeto, as propostas de atividades, envolvendo leituras, dinâmicas, possíveis ações, intenções e procedimentos que realizaríamos.

Foram vinte e cinco encontros que ocorreram nas segundas-feiras, dia da minha livre-docência, porque não havia disponibilidade dentro das aulas de Língua Portuguesa no decorrer da semana. As horas de planejamento, ou hora-atividade, são insuficientes para organização de atividades e diários das turmas de um professor regente, e retirar parte desse tempo não seria viável. Voltarei nessa questão na temática Obstáculos, logo na sequência.

Escolhi realizar na livre-docência por considerar urgente o resgate pelo prazer em ler literatura. Além disso, ciente da cobrança por bons resultados nas provas externas, incluir a ação dentro das aulas de português poderia ser considerado como “desperdício de tempo”, “prejudicaria a turma”. Digo isso, baseada em experiências anteriores. Infelizmente, a literatura é vista, nesse contexto, como algo supérfluo, sem importância e não como colaboradora no desenvolvimento das competências de Língua Portuguesa. Competências como a do item 9 da BNCC (2018), que indica a tentativa de garantir ao estudante

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018)

Na escola, os encontros aconteceram no contraturno para não comprometer as atividades das demais disciplinas do currículo escolar, sendo que os alunos receberam crachás e camisetas antes do semestre acabar. Tudo pensado como forma de manter a organização, dar credibilidade, atribuir uma identidade ao grupo e para evitar reclamações.

Outro fator foi a duração de cada encontro, estipulada em duas horas. Isso porque alguns alunos tinham compromissos, citados abaixo nos comentários:

“ Professora, não posso ficar depois das 16h porque preciso cuidar da minha mãe. Minha irmã, precisa se arrumar para ir pra faculdade! ” – Fala da Aluna 1.

“Eu preciso ajudar meu pai no trabalho.” – Fala do Aluno 2.

“Tenho treino na escolinha (de futebol).” – Fala do Aluno 14.

“Cuido da minha irmã.” – Fala da Aluna 4.

Pude entender o quanto de responsabilidade esses jovens já possuíam. A Aluna 1 cuida da mãe doente, vítima de AVC, desde os cinco anos de idade. Sua agenda é baseada na divisão de tarefas com as outras duas irmãs mais velhas. Se os encontros ocorressem em outro dia da semana, a jovem não conseguiria participar do projeto.

O Aluno 2 necessitou convencer o pai para permitir que faltasse no trabalho, um dia da semana, para a participação dos encontros.

Já o Aluno 14 se inscreveu na lista de participantes do projeto, porém quando nos reunimos para decidir horários, quase não permaneceu no grupo, pois havia incompatibilidade com a sua agenda. Conversou com o técnico do time que chegaria alguns minutos atrasados nesse dia da semana.

A Aluna 4, além de morar longe da escola, também cuidava da irmã mais nova. Convenceu os pais de que somente nos dias do encontro ela pudesse ser liberada da função. No entanto, seus responsáveis muitas vezes determinavam novas obrigações, impedindo a jovem de participar. Isso prejudicou o grupo em alguns momentos.

Além desses alunos, outros jovens contadores também tinham obrigações a cumprir; porém, casos esporádicos. Notei pelo contexto social em que se encontram, que as famílias não tinham outra forma senão atribuir aos filhos essas responsabilidades, o que contribuiu na formação da personalidade deles.

Nos primeiros encontros, metade dos participantes do grupo compareceu. Alguns confundiram o horário de início, outros alegaram outros motivos. Depois de algumas conversas sobre pontualidade e assiduidade, percebi que a maioria atendeu ao combinado.

O Aluno 14 não conseguiu manter a combinação com o técnico que lhe deu opções de sair do grupo ou do treino, resultado: ainda temos muito que treinar a leitura. Em algum momento ela vencerá.

A Aluna 1, mesmo com tarefas complicadas, não se atrasava, faltou justificadamente poucas vezes ao longo do ano. Demonstrava muito interesse em que as atividades acontecessem logo.

Vi que os encontros serviram para o propósito do projeto, mas também como válvula de escape para alguns dos jovens, por fazerem parte de uma realidade não muito fácil no âmbito familiar e social. Além de exercitar habilidades, criatividade, relações interpessoais, funcionou como momentos de terapia em grupo, onde cada um passou a conhecer por quais razões o “fulano” agiu de tal maneira, como também era uma forma de entretenimento. Abaixo vemos a confirmação do jovem ao registrar no seu diário seu sentimento.

“No dia que participamos (do encontro) nos falamos dos livros que foi lido, em cada História.

Falamos de cada livro e cada um tinha seus autores e de origem que eles veio. Falamos também arrespeito (do) que achamos dos livros e em cada parte foi muito bom e é um grande passa tempo para todos”.

Excerto 1: registro do Aluno 2 – 19/03/2018.

Vale lembrar que alguns encontros tiveram que ser desmarcados e remarcados para outro dia da semana. Além disso, as apresentações na FECIT aconteceram na data do evento (quinta e sexta-feira), fugindo do dia da semana fixado (segunda-feira) pelo grupo.

Quanto aos locais em que ocorriam os encontros, esses foram complicados desde o começo. A cada semana tínhamos que mudar o local do encontro porque não havia sincronismo com a coordenação escolar. A cada dia éramos retirados da sala para dar preferência a outra demanda da escola.

Tentamos a biblioteca, que deveria ser o local ideal, mas o tumulto de objetos, falta de espaço, climatização precária, impossibilitava a permanência por muito tempo. Além disso, havia muitas interrupções, pois frequentemente alguém entrava para conversar com os funcionários da biblioteca.

Partimos então para a sala de vídeo. Lá ocorreram a maior parte dos encontros. Era o local mais próximo do que precisávamos. Porém, também éramos interrompidos, só que com menor frequência do que na biblioteca. Fomos retirados dessa sala também para dar espaço ao reforço e às exibições de filmes.

Realizamos também os encontros no pátio da escola. Nesse local, em um momento de socialização, fora proveitoso, pois sentamos em círculo e ouvimos as histórias que alguns participantes leram na semana anterior. Foi produtivo porque tivemos um espaço maior que os demais dias e fora diferente de realizar em um ambiente fechado.

Percebi que o grupo reagiu com ânimo maior. No entanto, nas outras duas vezes que usamos o pátio não foi possível o mesmo resultado. Além de não podermos utilizar os espaços da biblioteca e da sala de vídeo, no pátio aconteciam as aulas de Educação Física.

As participantes do grupo revelam, logo abaixo, o que perceberam sobre a falta de local para o encontro da semana.

“Nesse dia não havia lugar suficiente para podemos realizar a leitura dos contos e a professora entregou mais duas histórias: Catarina, Quebra-nozes e História dos três ursos. Quando cheguei em casa, fiz a leitura dos contos para poder apresentar na segunda-feira”.

Excerto 2: registro da Aluna 7 – 20/08/2018.

“Nós fazíamos a realização da Leitura dos contos. mas a nossa Escola não havia lugar, normalmente fazemos nossos encontros na sala de vídeo, ou na Biblioteca, mas estavam ocupadas, é na Escola não tem nem uma sala vazia.

Mas ela nós entregou contos para ler em casa. por exemplo: Catarina quebra nozes, é os 3 ursos”.

Excerto 3: registro da Aluna 5 – 20/08/2018.

“Não havia sala para nois fica então fomos despejado”.

Excerto 4: registro do Aluno 11 – 20/08/2018.

Confirmei pelo relato do Aluno 11 que, mesmo tendo reservado o horário, colocaram-nos em algumas situações constrangedoras pela forma como a remoção fora conduzida. Fomos retirados algumas vezes para que acontecesse o reforço escolar, sendo que nem sempre de maneira amistosa e os jovens contadores perceberam esse dilema que teríamos que enfrentar.

Infelizmente, não havia outros espaços para que houvesse os encontros pois, para realizar atividades de leitura, o ambiente deveria proporcionar, no mínimo, silêncio para concentração e até mesmo para a escuta das histórias. Assim, adaptamos ao máximo para que a falta de ambiente fixo não prejudicasse o andamento das ações e nem houvesse desistência dos participantes.

5.2 As leituras e socializações

A leitura começa na escuta, passa pelos códigos, pelas formas, pela sintaxe, pela interpretação, mas é permeada todo o tempo pela ética. E o que fazemos com o que lemos?⁹

Eliana Yunes

A leitura foi a base para todo o desenvolvimento do projeto. Cada passo das etapas relacionava-se a ela. Como optei pela leitura literária, já que os demais gêneros estão sendo amplamente trabalhados nas aulas de língua portuguesa, decidi que em cada encontro haveria leitura de um texto, realizada em grupo ou individualmente, apresentada de forma oral ou silenciosa. Isso porque almejei a prática contínua dessa habilidade.

Ora fiz leituras para o grupo, ora as ouvi. Porém, o desejo inicial de que ocorressem em todos os encontros nem sempre foi possível. As causas expliquei no item Obstáculos pelo caminho, mais adiante.

Nos encontros, li em alguns períodos, em outros contei para os alunos contos como “Felicidade Clandestina”¹⁰, “Rosicler – A bela adormecida no parque”¹¹, “João e Maria”¹² (clássico) e “Sonho de Kasanko”¹³, expus e expliquei os textos técnicos. “Por que contar histórias às crianças”¹⁴ e “Estratégias de Leitura” (anotações próprias que falarei na sequência). Exibi também trechos do filme “Narradores de Javé”¹⁵ e vídeos curtos de contadores de histórias.

⁹ Yunes, Eliana. Professor leitor: uma aprendizagem e seus prazeres. Curitiba: Hum Publicações, 2016. p.41.

¹⁰ LISPECTOR, Clarice. Felicidade clandestina. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

¹¹ Blog Contos do Grimm. Disponível em: https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos.

¹² TATAR, Maria. Contos de fadas: edição comentada e ilustrada. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

¹³ MHLOPHE, Gcina. Sonho de Kasanko. In: Histórias da África. São Paulo: Paulinas, 2007.

¹⁴ Blog Gazeta do Povo: educação e mídia. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/blogs/educacao-e-midia/por-que-contar-historias-criancas/>

¹⁵ NARRADORES DE JAVÉ. Produção de Eliane Caffé: Riofilme, 2003.1 DVD (100min), widescreen, color.

Por meio dessas distintas leituras, tentei demonstrar como realizar a narração na leitura dos textos literários e oportunizar a reflexão a respeito do por que estávamos estudando a contação de histórias (mediação de leitura) e suas formas de execução, pois

ler consiste em produzir sentidos por meio de um diálogo, um diálogo que travamos com o passado enquanto experiência do outro, experiência que compartilhamos e pela qual nos inserimos em determinada comunidade de leitores. (COSSON, 2018, p. 36)

Foram momentos intercalados com as leituras realizadas pelos alunos. Algumas sugeridas, outras deixadas à escolha de cada integrante. No primeiro encontro mesmo, depois da narração de “Felicidade Clandestina” e da conversa inicial, sugeri que cada participante escolhesse um livro para ler, podendo começar naquele instante e continuar a leitura em casa.

“pegamos livros para ler, peguei o livro (A MALDIÇÃO DE ORRENDO), um livro muito legal de aventuras e misterio, envolvia piratas e tudo. Apresentamos uns aos outros (QUEM NÃO SE CONHECIA AINDA) os meus colegas pegaram livros também, bom esse foi nosso primeiro encontro, estou gostando muito de estar nesse grupo”.

Excerto 5: registro da Aluna 8 – 19/02/2018.

A intenção era conhecer o gênero de leitura literária de cada um, dentro das possibilidades de livros ofertados na biblioteca (ver também no item Obstáculos pelo caminho). Observei que apenas a Aluna 1 era leitora literária assídua, o Aluno 3 e a Aluna 8 liam um pouco de literatura, as alunas 5, 6, e 13 liam até metade do livro e desistiam e os demais não tinham o hábito de ler.

Dessa forma, entendi que os participantes não eram leitores assíduos, mas tinham vontade de se transformar em um. A Aluna 6 disse achar bonito quem lia, pois falava bem e sabia escrever corretamente (adequado à língua padrão). Ela se considerava uma pessoa preguiçosa para leitura. A Aluna 4 também falou da sua dificuldade: “Ler me dá sono”.

A partir de alguns relatos do primeiro encontro, observei que a parte dos alunos que não tinham hábito de ler, escolheu livros pela capa e espessura,

quantidade de páginas e não pelo conteúdo. Não chegaram a ler as sinopses dos livros, por medo ou “preguiça” de concluí-la.

A outra parte dos alunos não leitores, escolheu os livros, denominados *Best-sellers*, por terem ouvido falar das histórias, independentemente da quantidade de páginas do livro. Destes últimos, só dois leram a orelha do livro. Já a Aluna 1 escolheu *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. O nível de leitura dela é mais aprofundado que o dos demais. Sua interpretação é reflexo da prática contínua, do contato contínuo com os livros.

A primeira socialização das leituras foi muito positiva, superou as expectativas. Fizemos uma roda de conversa na sala de vídeo e a maioria conseguiu expor suas leituras e pontos de vista. Foi animado a ponto de não percebermos que o horário do lanche tinha passado, assim como o término do encontro naquele dia.

Observei que alguns não conseguiram concluir a leitura do livro. Uma vez que aqueles que escolheram os *best-sellers* – como os da saga *Percy Jackson*, de Rick Riordan, *Harry Potter*, de J.K. Rowling e *Como treinar o seu dragão*, de Cressida Cowell – eram os alunos que não tinham hábito de leitura e/ou que nunca tinham lido um livro na íntegra. Recomendei que permanecessem com os livros na intenção de que terminassem a leitura. Poucos conseguiram concluir, mesmo com o prazo estendido.

Esses alunos passavam pelo processo de formação de leitor. Nele respeitouse o gosto pelo gênero escolhido e o tempo de realização da leitura; uma vez que não concluída a leitura integral do livro, solicitei que expusessem o que conseguiram ler e até onde.

Com essa atitude, pude observar um desenvolvimento positivo no grupo, já que nas escolhas dos livros seguintes, os participantes se conscientizaram a ter cautela no período de busca pela leitura, selecionar seguindo prioridades como, por exemplo, qual assunto do livro. A preferência do grupo para leitura livre era do gênero romance. Apenas uma participante escolhia o gênero conto para ler em casa.

A timidez inicial foi substituída por risos ao passar dos dois primeiros encontros e foram ganhando confiança para falar. Apesar de estudarem na mesma turma, os participantes não faziam parte das mesmas tribos dentro da sala de aula. Por isso, a interação passou a crescer conforme as socializações aconteciam.

Rocha (2016, p.38) salienta que “dizer que a leitura humaniza significa que ela insere a pessoa numa dinâmica mais integradora do ser. A leitura, sobretudo a leitura literária, permite ao humano ser pleno”.

O Aluno 14 sugeriu que o encontro acontecesse mesmo sem a minha presença, que ele poderia conduzir as socializações das leituras no meu lugar na roda de conversa. O protagonismo juvenil acontecendo de fato, na roda de leitura, pois ao concordar, entendi que a divisão de tarefas no grupo estava surgindo naturalmente. E nesse encontro em que não participei, a partilha foi organizada e produtiva, já que ao retornar pedi que me relatassem como tinha sido a experiência.

Ainda convém lembrar aqui como a leitura dos contos maravilhosos foi feita, quais os títulos integraram o repertório, assim como os procedimentos e as estratégias usados na construção do leitor/contador.

Ocorreram, então, as escolhas pessoais de leituras para realização em casa (geralmente o gênero romance), e paralelamente os participantes receberam as leituras que propus com entusiasmo. A definição de um gênero para a iniciação da contação de histórias favoreceu na preparação dos mesmos, pois com isso pude ensinar uma trajetória a ser percorrida que facilitaria o entendimento de qualquer texto, contribuindo na sua construção de sujeito-leitor.

Foram indicados procedimentos como marcar as palavras-chave, grifar partes significativas, resumir ou fazer o esquema do texto lido, mais tudo isso após a visualização geral do texto – apreciação que nos parece mais essencial – e as conexões do pré e pós leituras.

Aceita a sugestão do gênero pelo grupo, pude ver a bagagem de conhecimentos que os jovens carregavam a respeito. Uma leitura baseada nos filmes Disney, sem consciência de outras versões dos contos.

Elencamos numa lista prévia os contos que gostariam de estudar (ver na metodologia). Porém, trabalhamos com mais afinco sobre os contos “Cinderela”, “Chapeuzinho Vermelho”, “João e Maria” e “Branca de Neve”. Nestes o estudo foi apurado até porque tínhamos que estudar as formas de contar essas histórias ao público infantil.

Ora leitura silenciosa, ora em voz alta. Os modos de ler legitimaram o processo de entendimento do texto, “que nos levam ao sentido da obra” (COSSON, 2016, p. 71). Os jovens puderam praticar a leitura individual e compartilhada, escutar

leituras realizadas por mim e escutar contos em gravação retirada da internet por eles próprios¹⁶. Em cada conto, a estratégia aconteceu basicamente dessa forma:

Figura 4 - Procedimento de leitura nos encontros



Fonte: elaboração da autora

Lemos o conto, falamos sobre ele (essência e elementos textuais), pensamos e criamos formas para apresentá-lo e finalmente fizemos a releitura, um outro olhar sobre a obra.

Sabemos também que esses modos de ler passam por gradações que indicam leituras mais ou menos sofisticadas do texto literário, a depender do aporte teórico metodológico utilizado durante a leitura. [...] é preciso observar que os modos de ler aqui mapeados não são exclusivos ou incompatíveis entre si, sendo perfeitamente possível visualizar desdobramentos em que dois ou mais modos são combinados na leitura de uma única obra. (COSSON, 2016, p. 80)

Nesses modos de ler mencionados pelo autor entendemos que o trabalho aplicado nas dimensões texto, contexto e intertexto potencializaram de fato a habilidade leitora. Os resultados foram gradativos e satisfatórios quando correlacionadas as três dimensões.

5.3 As oficinas de artesanato

¹⁶ Branca de Neve e os 7 Anões em Português - História completa. Retirado do site: <https://www.youtube.com/watch?v=quqjTlrcjko>.

As oficinas serviram para integrar o grupo ainda mais, posto que era evidente que o trabalho em equipe transcorria bem. Obviamente, casos isolados de desentendimento também ocorreram, mais por vontade de realizar as atividades das oficinas do que por não terem vontade de participar.

Ao todo, ministrei quatro oficinas voltadas ao artesanato: decoração de capas para o diário de bordo, confecção de bonecos e *puffs*, confecção de cartazes e confecção de figurinos.

Na oficina para decoração de capas, notei a dificuldade que os alunos têm para produção de trabalhos manuais. Assim como a maioria demonstrou pouca habilidade em algumas situações matemáticas, tais como medir com a régua, calcular espaços e quantidades de materiais que seriam gastos. Foi necessário instruí-los nessas questões básicas também. Nesse sentido, surge um aspecto não previsto no projeto: a integração com outra disciplina curricular. Mais um motivo para lembrá-los de que a contação de histórias não está restrita ao campo da literatura.

Todos os alunos confeccionaram as capas para os diários, aplicando imagens de personagens da literatura infantil, principalmente de contos maravilhosos. O tempo de duração foi de dois encontros, no total de quatro horas. Utilizamos materiais fornecidos pela escola, que chegaram muito depois do prazo solicitado e por esse motivo as anotações nos diários de bordo ficaram atrasadas em quatro semanas. Apesar da contrariedade, era nítida a vontade de produção pelos alunos.

A oficina de confecção de bonecos e *puffs* foi conturbada. Dividi o grupo em duas equipes de produção dos instrumentos para a contação de histórias. Uma equipe ficou responsável pelos bonecos e a casinha dos contos “João e Maria” e “Chapeuzinho Vermelho”. Enquanto isso, a outra equipe ficou responsável por produzir os *puffs* para ambientação da biblioteca.

Na biblioteca, distribuí os materiais para cada equipe. Uma delas utilizou materiais como papelão, EVA e bolas de isopor. A outra, pneus usados, espuma e couro sintático. Instruí a primeira equipe que se dividissem para que uns confeccionassem a casinha de doces e outros os bonecos. Mostrei as imagens de alguns modelos, e ensinei o passo-a-passo da confecção do boneco de EVA em 3D.

Para a equipe dos *puffs*, levei os círculos de compensado já cortados, pois não possuía instrumento que realizasse essa tarefa, além de evitar riscos com objetos cortantes. Também mostrei as etapas para construir o *puff* e os cuidados que deveriam tomar.

Foram confeccionados três *puffs*, nove bonecos e uma casa de doces. O tempo ultrapassou o estimado, foram dois encontros e a conclusão em uma aula de Artes com a turma, mais um momento de integração curricular do projeto. As produções ficaram ótimas. Desempenharam um trabalho caprichoso e em conjunto. Avaliei, então, que deveria ter separado as oficinas para evitar tempo ocioso da equipe que teve necessidade de esperar meu atendimento, por estar ensinando a outra equipe.

Já na oficina de confecção de cartazes, as atividades foram mais tranquilas, pois um grupo menor, com cinco alunas, aceitou comparecer em outro dia da semana para elaborar e confeccionar os cartazes que seriam fixados na sala da feira de ciências da escola. O grupo pensou quais cores eram mais apropriadas, as mensagens que deveríamos expor, os títulos de cada estande sobre o nosso projeto (voltaremos no assunto a respeito da feira de ciências no item Conquistas).

Finalmente, na oficina de confecção de figurinos, as mesmas alunas participaram da produção de figurinos do conto “Cinderela”. A oficina foi realizada em dias diferentes dos encontros fixados (segundas-feiras), pois eram mais trabalhosas e demoradas.

Clara e naturalmente, nem todos os alunos conseguem produzir e despertam o mesmo interesse por trabalhos manuais. Dependendo do trabalho a desempenhar, alguns preferiam não participar por não ter aptidão ou simplesmente por falta de vontade. Esses mesmos alunos demonstraram interesse em outras atividades como em reformar a casinha de fantoche doada pela ONG.

5.4 Os ensaios

Após as leituras dos contos maravilhosos, passamos para a preparação das apresentações. Nessa etapa analiso três situações: a inicial, a intermediária e a final.

No primeiro ensaio, quanto à assiduidade e comportamento foi razoável. Visto que alguns alunos tinham responsabilidades atribuídas pelos pais e outros com brincadeiras em momentos inoportunos, pouco proveito tivemos nas duas horas reservadas para o encontro, confirmado no relato abaixo:

“A professora teve um pouco de trabalho com agente por conta do silêncio, é que jovens tem um motosinho na língua e é um pouco difícil para controlar, mas ela estava muito entusiasmada com o nosso grupo, ela já estava preparando cracha e tudo pra nois”.

Excerto 6: registro da Aluna 8 – 26/02/2018.

Foi necessário intervir no encontro seguinte, relatando a importância de ter compromisso com o projeto, além de ficar atenta às possíveis divagações. A partir de então a postura foi mudando, os que eram mais compromissados repreendiam os demais a levar os ensaios a sério. A assiduidade também melhorou, o que contribuiu no desempenho nos ensaios.

Quanto à organização, para alguns contos, os alunos adaptaram os textos. Orientei questões de coesão e coerência, reescrita. Isso foi fundamental pois pude pontuar as dificuldades de escrita que ocorrem com frequência nas produções textuais deles. Os momentos destinados a isso foram positivos para reconhecimento das fragilidades na escrita – em relação às qualidades textuais e na leitura – sobre interpretação, compreensão, dicção e entonação de voz.

Os alunos ensaiaram os contos: “Cinderela”, “Chapeuzinho Vermelho”, “João e Maria” e “Branca de Neve e os sete anões”. Em razão da quantidade de histórias e do total de alunos para execução, alguns jovens ensaiaram em mais de um conto. Isso não causou prejuízo na performance.

Ao término de cada ensaio, os participantes cuidavam de guardar os materiais utilizados e limpar o ambiente. Não precisei solicitar a eles essa postura. Foi algo que percebi logo após os primeiros impasses quanto aos locais de realização dos encontros, pois demonstraram não querer dar motivos para reclamarem do grupo por utilização dos espaços da escola. Neste quesito, mostraram-se bastante organizados.

Quanto à situação intermediária, pude perceber o progresso no cumprimento das propostas. Mesmo acompanhando cada grupo, não havia mais a necessidade de intervir quanto ao comportamento. Passaram a chegar no horário. Lembravam das dicas sobre postura e entonação de voz para a narração e relembavam as estratégias vistas nos vídeos sobre o tema.

Por exemplo, no conto “Branca de neve e os sete anões”, fizeram parte dessa história seis jovens. Ao chegar na escola, alguns alunos pegavam a casa de

fantoches – que era de madeira, grande, pesada e exposta ao sol por falta de um local coberto para armazená-la, colocavam no pátio externo da escola para começar a treinar a narração. Observavam a parte de cada um na apresentação e relembavam as técnicas vistas nos encontros sobre teorias. As que mais mencionavam para que melhorassem eram a dicção das palavras, o timbre de voz, a entonação nos momentos mais tensos, os cuidados com os movimentos de cada fantoche e a sincronia entre voz e movimento.

Para essa história, tivemos muitos ensaios pelo fato da equipe começar trocando a história – do Pequeno Polegar para a Branca de Neve. Logo após, o Aluno 10 foi proibido pelo pai de narrar a personagem da bruxa, pois era um personagem feminino. Teve, então, que escolher entre trocar de personagem ou ser retirado do grupo pelo pai. O entrosamento e a qualidade da apresentação foram instaurados no percurso. Percurso esse em que pude rever as formas e as teorias que devíamos estudar.

Foi a partir de então, que entendi que estávamos tratando de uma linha artística diferente, muito próxima da contação de histórias, que é o teatro. Vinha seguindo o guia de *Técnicas de contar histórias*, de Vania D'Angelo Dohme (2000) em que o fantoche e a dramatização também podem fazer parte da contação de histórias. Percebi então que as demais linhas teóricas lidas – Coelho (2006) e Busatto (2007) – que reforçam a ideia de duas artes distintas, as cênicas e a contação de histórias poderiam não se aplicar ao projeto.

Como o grupo já tinha aceito as propostas de trabalho, preferi manter o ritmo das atividades. Nos encontros de planejamento, os jovens decidiram quais dentre os contos estudados seriam apresentados e de que maneira, qual recurso auxiliar. Veremos no próximo tópico uma tabela a esse respeito.

Nos últimos ensaios, a articulação do grupo com as histórias, em geral, foi positiva. Havia sintonia nas entradas de cada contador. O grupo se demonstrou proativo, pois foram acrescentando elementos que ajudaram tanto na ambientação como na execução da narração, cada um deles sabia o que fazer e quem poderia executar cada ação da melhor maneira.

5.5 As apresentações

Os jovens contadores de histórias realizaram sete apresentações ao total. A maioria delas ocorreu no primeiro semestre, já que no segundo semestre houve muita demanda de atividades escolares, feriados, participação em concursos, eventos imprevistos.

Chegou então o momento de apresentarem suas novas habilidades e testarem os conhecimentos adquiridos ao longo das nossas reuniões. Leituras, socializações, ensaios, releituras, ajustes, tudo culminaria nesse quesito.

Partindo dos estudos dos contos realizados, das aprendizagens sobre a estrutura dos textos e dos planejamentos que serviriam de base aos procedimentos alinhados a cada história, os participantes apresentaram na ordem enumerada a seguir:

Quadro 2 - Cronograma de apresentações

ORDEM	TÍTULO DO CONTO	ESTRATÉGIA	PÚBLICO-ALVO	LOCAL	QUANTIDADE DE CONTADORES NA APRESENTAÇÃO
1ª	João e Maria (versão contemporânea)	Narração com objetos	Duas turmas do 1º ano	Escola	06 jovens
2ª	João e Maria; Cinderela; Chapeuzinho Vermelho (versão clássica)	Narração simples	Quatro turmas entre 1º ao 3º anos		Todos os jovens do grupo
3ª	FECMAR - exposição do projeto na feira com Branca de Neve e os sete anões, João e Maria e narrações de histórias com o auxílio do livro	Fantoches, Narração com objetos e com o livro	Visitantes da feira - comunidade escolar, pais e avaliadores da SEMED		
4ª	Catarina, quebra-nozes; A história dos três ursos	Narração simples e com uso de imagens	Três turmas entre o 1º e 2º anos		
5ª	CMEI Cantinho da Alegria	Dramatização, Narração simples	Turmas do 1º ano	CMEI	
6ª	Aniversário da escola	Exposição oral sobre o projeto; dramatização	Comunidade escolar	Escola	
7ª	FECIT	Exposição oral sobre o projeto	Visitantes da feira	IFTO	03 jovens

1ª apresentação: João e Maria (versão contemporânea)

Após ensaiar com os bonecos fizemos o teste inicial para exercitar as técnicas adquiridas até então. Os contadores de histórias que expuseram, a princípio, ficaram ansiosos e temerosos, pois fora o contato inicial com todo o trabalho desenvolvido até o momento. Metade do grupo não apresentou, porque ainda necessitava de mais ensaios. Assim, acabaram assistindo os colegas nas narrações.

O nervosismo interferiu na apresentação. O tom de voz utilizado era baixo e toda expressividade mostrada nos ensaios desapareceu no momento. As professoras regentes foram compreensivas, deram tempo para que os narradores se acalmassem, pedindo às crianças que mantivessem silêncio e respeitassem os jovens contadores.

Voltamos à timidez dos primeiros encontros. Ao finalizarem a narração com objetos, contei uma história do “Bruxo e o caldeirão saltitante”, de J.K. Rowling, e fiz o encerramento com um versinho. Logo em seguida, reuni o grupo para uma avaliação da ação.

Como imaginado, os alunos que apresentaram ficaram chateados com o desempenho. Sentiram-se frustrados e tinham as mãos trêmulas. Identificada a insegurança, já sabia a área que precisava trabalhar para não tornar a se repetir nas próximas ações.

2ª apresentação: João e Maria; Cinderela; Chapeuzinho Vermelho (versão clássica)

Depois de ensaiar por mais um tempo, sugeri que fizéssemos um novo momento de apresentação para mais turmas das séries iniciais da escola. Como o repertório aumentou, pudemos contemplar mais turmas na tarde da segunda-feira.

O conto de João e Maria foi baseado na versão clássica dessa vez, pois os jovens acharam-na mais interessante. Já a história da Chapeuzinho Vermelho foi contada utilizando os bonecos 3D. Nela, tive que conduzir a parte inicial para que a Aluna 5 continuasse o enredo até o fim. A jovem estava insegura no início, mas se saiu bem no desenrolar do enredo.

O conto da Cinderela foi mantido mesmo que seu formato tenha se caracterizado mais como teatro do que como Contação de Histórias. A escolha do formato de apresentação era realizada pelo grupo e, sabendo que teatro era outra linha artística, vi que o grupo precisava tirar proveito das técnicas teatrais como forma de se soltar para futuras apresentações. Sendo assim, apresentaram a peça com os mesmos figurinos das utilizadas nas narrações e as músicas também deram o tom de peça teatral.

“E finalmente chegou nossa apresentação, chegamos arrumamos tudo, figurino, e partimos para a maquiagem. Tirando alguns atrasos, mas correu tudo bem. Apresentamos 2 histórias Cinderela, chapeuzinho vermelho que foi com bonecos ajudei a professora a contar a história. foi tudo ótimo, amamos o trabalho, ficou tudo lindo. As crianças amaram, a professora, e inclusive o diretor”.

Excerto 7: registro da Aluna 5 – 04/06/2018.

Mantivemos o objetivo de propagar a leitura por meio da literatura. Apresentamos nas turmas do 1º ao 3º ano da nossa própria escola, totalizando cinco turmas. As professoras regentes solicitaram que o grupo aparecesse outras vezes nas salas, confidenciando que a contação de histórias é uma atividade que as crianças gostam e que, as mesmas, não realizam com frequência nas aulas. Relataram que falta na escola uma “hora do conto” em parceria com a biblioteca e que o grupo estava proporcionando esse momento que não existia.

3ª apresentação: Feira de Ciências da Escola Mun. M. R. – FECMAR

A apresentação aconteceu na escola, onde os jovens contadores de histórias tiveram uma sala exclusiva para apresentar as ações do projeto, entre confecções de instrumentos para a contação de histórias, objetos para captação de recursos e mostras de arte literária desenvolvidas pelo grupo.

Logo na entrada, o público foi acolhido por dois dos integrantes que indicavam o itinerário a ser percorrido (Aluno 2 e Aluna 7). No painel de recados, mais dois jovens convidavam aos participantes para registrar o que a leitura significava em sua vida.

Na estação seguinte, expusemos os diários de bordo dos até então 14 participantes, a versão final do projeto escrito e o portfólio com as fotos das ações, encontros, oficinas, fichas com os dados dos participantes, autorizações dos responsáveis, textos adaptados pelos alunos do grupo, questionário original elaborado pelos alunos, questionários respondidos pelos alunos das turmas de 1º ano. Nessa estação, expusemos o banner no qual o Aluno 3 e a Aluna 9 explicaram os objetivos, justificativa e as etapas do projeto que vivenciaram.

Na estação de apreciação de histórias, expusemos alguns *puffs*, confeccionados para ambientação da contação de histórias e para gerar renda ao grupo, além implantar recursos para melhorar a estrutura da biblioteca da escola.

Além disso, em alguns momentos, um grupo de contadores apresentou o conto “Branca de Neve e os sete anões”, na casa de fantoches. Crianças, jovens e adultos que passaram por lá puderam apreciar também a narração de histórias, com e sem o uso do livro. Grupos espalhados pela sala interagem com o público, contando histórias simultaneamente.

A outra estação primou pela divulgação dos resultados da pesquisa simplificada sobre o perfil de leitura das crianças do 1º ano. A Aluna 8 ficou responsável por essa parte e demonstrou desenvoltura ao explicar os gráficos com a análise dos dados feita pela equipe. Veja o comentário dela na sequência:

“I chegou... A feira de ciências fecmar, ganhamos camisetas da professora, chegamos na escola e fomos nos enfeitar, todos iguais (lembrando os contos de fadas) fizemos desenhos no rosto.

Vendemos um puff, lemos para as crianças, apresentamos o teatro, explicamos sobre o começo do grupo, falamos sobre as pesquisas, nós estávamos vendendo os bonecos João e Maria.

Os pais das crianças olharam também os diários de bordo, fotos ensaios até...

O objetivo é incentivar a leitura das crianças e que elas se interessassem pelo mundo da leitura e deixar um pouco a tecnologia de lado.

Tenho pra mim que alcançamos nosso objetivo”.

Excerto 8: registro da Aluna 8 – 19/06/2018.

A Aluna 5 complementa com o que percebeu sobre a feira:

“[...] E acho que conquistamos, a partir do momento que os pais e as crianças entraram na sala, mergulharam em mundo diferente, e os pais ficaram impressionados com tudo, e além de alcançarmos as crianças insentivamos os pais a ler para seus filhos.

E alcançamos o objetivo, mas é claro que queremos muito mais, pois a leitura e a chave para o conhecimento [...]”

Excerto 9: registro da Aluna 5 – 19/06/2018.

Nota-se que a jovem deixa clara uma visão de como a história faz bem às crianças, percebe e corresponsabiliza os pais que façam também o seu papel de mediadores. Ela sugere que eles leiam para os filhos, com isso vemos na sua formação a percepção quanto à leitura (literária) construída no processo, pois

É a partir deste valor formativo que se pode afirmar que o objetivo da educação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir para a *formação da pessoa*, uma formação que aparece ligada indissolivelmente à construção de sociabilidade e realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordavam a avaliação da atividade humana através da linguagem. (COLOMER, 2007, p. 31)

No cantinho da leitura, preparado com tapete, *puffs*, cortina de tule, almofadas, estantes de caixote de madeira e livros literários, as alunas 1, 5 e 6 leram histórias para as crianças nos intervalos das apresentações das outras equipes.

Próximo a esse cantinho houve a exposição dos bonecos 3D feitos para contar histórias. As Alunas 9 e 13 foram responsáveis pela divulgação dos instrumentos confeccionados pelo grupo, assim como pela venda dos mesmos e dos *puffs*.

Os visitantes, ao encaminharem-se para a saída, foram convidados a assinar o livro de visitas e receberam uma lembrancinha feita pelo grupo (pirulitos com características do conto Chapeuzinho Vermelho). A responsabilidade por este estande ficou para o Aluno 2 e a Aluna 7.

Observei que, inicialmente, os integrantes do grupo estavam ansiosos, apreensivos, preocupados com a abertura da feira. Quando as primeiras pessoas entraram na sala e começaram a transitar pelas estações, algumas duplas ficaram nervosas e isso afetou o desempenho, outras duplas conseguiram se expressar com

desenvoltura. Sugeri que mudassem a forma de abordagem e seguissem tal como haviam ensaiado.

Aos poucos, os jovens foram se acostumando com a proposta do evento. No final, o resultado geral foi satisfatório, pois houve progresso na oralidade dos alunos e o entendimento de que, cumprindo-se com as responsabilidades, teríamos como realizar um trabalho coeso, bonito, que agradasse ao público, como também que trouxesse a sensação de realização.

A feira ocorreu apenas no período matutino. No período vespertino, todos os jovens foram voluntariamente arrumar a sala de aula, desmontando as estações, guardando e limpando tudo.

Em seguida, sentamo-nos para confraternizar com um lanche simples e avaliar o dia. Todos gostaram e apontaram as próprias falhas do início, além daquelas que ocorreram em razão da má organização da escola. Por exemplo, a equipe da história Cinderela deveria ter se apresentado na abertura da feira, mas os organizadores da feira na escola esqueceram deste item da programação e acabou por não acontecer.

Na avaliação, a Aluna 1 disse que precisava trabalhar mais o timbre de voz, pois falava baixo naturalmente. Todos os jovens elogiaram o Aluno 11, pois foi notável o desenvolvimento positivo pelo qual passou.

“Admirei a voz que ele fez. A risada da bruxa então... Foi muito bacana. Nem parece aquele que só queria brincar e não levava a sério” – afirmação feita pela Aluna 1.

“Ele estava muito ruim nos ensaios. A professora foi louca de não tirar ele da apresentação. E olha no que deu? Deu show! Top!” – afirmação feita pela Aluna 5.

4ª apresentação: Catarina, quebra-nozes e A história dos três ursos

Para esta apresentação, confeccionamos as personagens do conto “Catarina, quebra-nozes”, por meio de desenho em papel cartão com palito de picolé para manuseio. Divididos em grupos, simultaneamente os jovens foram nas salas do 1º ano (duas turmas) e do 2º ano (uma turma) e contaram a história mostrando as imagens, dando vozes às personagens.

No grupo, cada jovem teve um papel: narrador, Catarina, a irmã, a rainha, o rei, o príncipe. As vozes foram bem expressadas, acredito que pelo fato de terem o

texto em mãos, pois é uma estratégia muito próxima da narração simples. Por ser um conto pouco conhecido, as crianças demonstraram interesse em saber mais detalhes depois que a história terminou. Perguntas como:

“Como a irmã de Catarina ficou com a cara de ovelha?”

“Como o príncipe conseguiu andar?”

“A rainha foi presa?”

É nesse momento que vemos a percepção do maravilhoso e o teor de instrução moral, pois os posicionamentos de certo e errado das atitudes das personagens – como a punição pelo dano causado – foram percebidos pelas crianças. E os jovens souberam como explicar sobre essas questões.

Já o conto da “História dos três ursos” foi contado, utilizando a narração com o livro, para apenas uma turma (do 2º ano). O texto era extenso. Por esta razão e pela proximidade do horário do lanche, os demais jovens desistiram de apresentar. Ali já haveria uma quebra do momento de escuta e, após o intervalo, não seria possível que os contadores ficassem na escola por causa de seus outros compromissos.

O único grupo que fez a narração desse conto enfrentou um desafio: a merendeira chamou as crianças para o momento do lanche no meio da apresentação. Para que não ficassem sem o final na história, a equipe abandonou a estratégia de narração com o livro e usou a estratégia de narração simples. O improvisado foi necessário para garantir a contação.

Neste dia, percebemos a necessidade de voltar ao planejamento e reorganizar horários, assim como repensar na estratégia da leitura com o livro, pois o texto deveria ser condizente com a idade dos ouvintes.

Percebemos também a importância de chegarem no horário marcado, pois o atraso atrapalhou o plano de apresentação de duas histórias. Vale lembrar que parte do atraso se deu porque tivemos que aguardar o diretor que queria apreciar a ação do grupo.

5ª apresentação: CMEI Cantinho da Alegria

Tivemos um dia fora dos muros da escola. Levamos um pouco de literatura fantástica para crianças do CMEI Cantinho da Alegria e obtivemos mais um momento para exercitar as habilidades aprendidas no projeto.

A aventura começou no traslado dos participantes do grupo, pois não era muito próximo da escola. Levei uma parte dos alunos no meu carro e a diretora da creche levou a outra parte, com autorização dos pais. Essa foi a solução para conseguirmos ir além dos muros da escola. Os empecilhos são vários e serão retomados no item Obstáculos.

Ao chegarmos, tivemos algum tempo para organização do cenário no pátio, da sonoplastia e caracterização dos contadores. Em seguida, os professores conduziram as crianças ao pátio, posicionando-as em semicírculo e sentadas.

Fiz a abertura com uma conversa inicial para estabelecer combinados e possibilitar às crianças fazerem inferências. A primeira apresentação neste dia foi do conto “Branca de Neve” (fantoche). Em seguida, o conto Cinderela (dramatização). Por conta da demora na saída da escola e na organização dos alunos no pátio, as outras histórias não foram mostradas, já que ultrapassaríamos o horário de retorno combinado com os pais dos jovens.

A apresentação de “Branca de Neve” foi bem diferente daquela na escola. Houve expressividade, segurança na oralidade, propriedade, pois os contadores conheciam com mais profundidade o texto. Passaram a ver importância da ação que estavam desenvolvendo.

Na sequência, a dramatização de “Cinderela” rendeu risadas, pois as crianças estavam bastante concentradas. Os jovens, desta vez, conseguiram utilizar as músicas selecionadas para as passagens da história, o que contribuiu para o desenvolvimento da performance da equipe.

As duas apresentações nos mostram o processo de formação de leitor, pois a visão sobre as personagens e o enredo passaram a ter mais significado. As etapas estavam surtindo efeito desejado no desempenho dos jovens e o protagonismo fora fortalecido através da comparação das realidades sociais (alunos da creche e alunos da escola). Perceberam que no CMEI não havia biblioteca. Um dilema sobre o qual refletiram e socializaram as possíveis soluções. Soluções simples foram propostas por eles e comunicadas à diretora da creche. Entenderam que as crianças mereciam ter contato com livros, não apenas dentro de sala de aula, mas num cantinho próprio para que percebessem que ler é divertido. Sugeriram que se fizesse uma campanha

de arrecadação de livros, abordando os comerciantes locais como parceiros. A utilização dos objetos produzidos pelo grupo (usados na feira de ciências da escola) para organizar um cantinho da leitura numa sala vazia também foram oferecidos.

A experiência foi extremamente positiva por nos proporcionar atitudes de doação, solidariedade e respeito. Os integrantes do grupo relataram entender a partir desse evento o quão importante tem essa ação literária para as crianças e a eles próprios.

6ª apresentação: Aniversário da escola e entrega do prêmio

Em comemoração do aniversário da escola, o diretor solicitou que houvesse um momento cívico durante o qual recebi o prêmio referente ao Circuito Aproxima 2018. O projeto Jovens Contadores de Histórias ficou entre os três melhores da disciplina de Língua Portuguesa desenvolvidos na rede municipal.

Essa foi uma participação simples realizada para todos da escola. Os jovens, numa breve reunião na mesma semana, sugeriram que dois dos integrantes fizessem um relato das experiências vividas. A mesma dupla realizou o cerimonial, na parte que cabia ao projeto, anunciando também a apresentação do conto Cinderela.

A desenvoltura dos alunos já era bem maior do que a inicial. No final de cada apresentação, havia um momento para autoavaliação e avaliação geral da ação. Com isso, eles perceberam os pontos a considerar e na apresentação seguinte tentavam se corrigir.

A avaliação se mostrou muito necessária e os jovens puderam perceber suas dificuldades e em conjunto procuraram soluções para contorná-las, por exemplo, dois alunos tiveram dificuldade de dicção, a pronúncia de algumas palavras eram mais complicadas para eles, mas ao final de cada apresentação, os demais membros do grupo demonstravam como era a pronúncia mais apropriada, e posteriormente às performances melhoraram.

Recebi o prêmio – um miniprojetor – das mãos do diretor da escola. Destinei o prêmio à elaboração e à orientação de professores da rede pública que desenvolveram ideias para melhoria da qualidade de ensino do município.

A prática fez com que a apresentação de “Cinderela” fluísse melhor. Os alunos passaram a gesticular com mais propriedade e desenvoltura, e a expressividade nas vozes foram surpreendentes.

7ª apresentação: Feira de Empreendedorismo, Ciência, Inovação e Tecnologia 2018 – FECIT

Para participarmos da FECIT, tive que realizar a inscrição com submissão do projeto escrito e os dados de apenas três alunos que explicassem o trabalho. Dada a impossibilidade de contar histórias no local pela natureza e dinâmica do evento, essa apresentação foi bastante diferente das anteriores. O trio apresentou os contos dentro do mesmo padrão acadêmico-científico proposto pelo edital do evento. Assim, organizamos nosso estande com *banner* e parte dos materiais utilizados confeccionados para as contações de histórias, uma vez que o espaço destinado para cada projeto era de dois metros quadrados.

A princípio, os alunos estavam desanimados, pois se depararam com a diversidade de projetos com elementos científicos e achavam que não teríamos chance de ganhar medalhas.

Expliquei o real sentido de participarmos da feira: ganhar experiência de apresentação acadêmica, divulgar a ação que desenvolvíamos e demonstrar que a literatura era objeto de uma ciência. Ter o contato com o ambiente da mostra científica, conhecer os trabalhos de outras escolas, fazer amizades, expressar ideias e aprender com outros, com os nossos acertos, mas também com os erros. O reconhecimento por medalha seria apenas um elemento, menos significativo do que as conquistas que alcançaram até ali. A Aluna 8 disse:

“Parece que o povo não se interessa pela leitura”.

Tanto a fala dela como dos outros dois jovens nesta manhã retrataram o que presenciaram: o descaso pelas áreas de linguagens e humanas na feira. Vale mencionar que as duas áreas foram colocadas no canto mais isolado da feira, afastado dos demais projetos por uma lacuna entre mato e parede.

Nesse evento pude ouvir o diálogo entre os três alunos e uma professora de História de outra escola. Na conversa foi possível notar que os jovens viram a real

desvalorização pela leitura no meio científico do município, pois parecia que o público só via como trabalho científico os que mostravam algum tipo de tecnologia, como foguete voando, ou cachorro robótico – muito bons por sinal. O livro é tecnologia mas em uma sociedade cada vez mais visual e digital isso precisa ser lembrado.

A Aluna 1 disse que a professora de História, orientadora de um projeto exposto na mesma categoria, adorou o trabalho do Contadores, porém se sentia triste pela falta de interesse do público em percorrer aquele bloco onde se encontravam nossos projetos. E o Aluno 3 concluiu que as pessoas só viam ciência nos experimentos tecnológicos e biológicos.

Mesmo assim, o trio apresentou de maneira clara e segura as informações sobre o projeto Jovens Contadores de Histórias, divulgou e combinou possíveis apresentações em mais de cinco Instituições (entre escolas do município e na própria IFTO). Além do mais, os jovens passaram o contato para receber encomendas dos bonecos e *puffs*.

Ao final do dia já estavam mais animados, visto que tiveram a ideia de chamar o público do outro bloco para visita do nosso. Convidando e conversando, a postura do grupo mudou bastante. Nessa perspectiva, pude notar proatividade e boa integração dos participantes, mesmo dividindo as partes para apresentar (objetivos, justificativa, desenvolvimento e produções), todos sabiam todo o conteúdo.

“Neste dia, eu, a (Aluna 8) e o (Aluno 3) fomos para a FECIT. Um tipo de exposição que aconteceu na IFTO. Nela, nós colocamos como exposição para os contadores de história, a estante feita pela professora Télia, os bonecos que nós fizemos, nossos diários de bordo e o pufe que nós fizemos.

A gente basicamente falou como o projeto funcionava e os seus objetivos para quem vinha dar uma olhada.

[...]

Também fomos para a FECIT, mas dessa vez, para apresentarmos o projeto para os avaliadores que decidiriam quem ganharia o prêmio, ou os grupos que seriam sorteados e ganhariam credenciais para fora do Brasil.

Infelizmente não tivemos essa oportunidade, mas foi ótimo participar dessa feira de ciências, muitos projetos eram legais e criativos”.

Tanto as apresentações internas como as externas foram importantes para o fortalecimento dessa comunidade de leitores, pois foi “um espaço de atualização, por conseguinte também de definição e transformação, das regras e convenções da leitura” (COSSON, 2018, p. 138). As inferências e a teorização oportunizaram a interação dos leitores com a literatura lida, cuja prática na etapa de apresentação foi o ápice do projeto, possibilitando a concretização dos conhecimentos, a revisão e a ampliação da ação.

5.6 Os obstáculos

Como em um conto, sempre existem obstáculos pelo caminho – como na função 6, proposta por Propp, o engano: o agressor tenta enganar a vítima. Os pontos a considerar serviram para nortear cada quesito, avaliar o percurso e a viabilidade da aplicação futura do projeto.

No que se refere ao tempo, as duas horas para a realização das atividades no encontro são suficientes. Contudo, utilizei o horário na minha livre-docência para desenvolver o projeto. Apesar de não ter comprometido o desempenho das minhas outras atividades de planejamento para as aulas de Língua Portuguesa, o percurso foi puxado.

Vejo que o projeto poderia funcionar se aplicado em aulas de literatura, como as que são ofertadas nas escolas de tempo integral da própria rede municipal. A escola pesquisada (cujo tempo é parcial) oferta quatro aulas de Língua Portuguesa. Os conteúdos cobrados não permitem o trabalho voltado somente à literatura. E as aulas de Pesquisa e Produção de Textos (PPT) foram encaminhadas na modulação para professores de outras disciplinas como cumprimento de carga horária.

Outro obstáculo se fez na falta de um local adequado à realização dos encontros. A cada semana tínhamos que vagar em busca de ambientes, mesmo já tendo solicitado a sala de vídeo ou a biblioteca. Nem sempre conseguíamos realizar os encontros nos ambientes externos da escola por causa do sol e calor, ou barulho oriundo das aulas de educação física no pátio.

Fizemos o possível dentro da estrutura física e da realidade da escola. No entanto, se a biblioteca passasse por uma reorganização pensando em dinamizar

espaços e se o regulamento quanto ao atendimento reservado fosse cumprido, contemplaria as necessidades de realização do encontro, pois

Para que o professor considere a biblioteca escolar como um território aliado de sua prática profissional, é preciso entender que a leitura não é só responsabilidade dos professores de língua portuguesa e sim uma habilidade necessária para a compreensão de todas as disciplinas da vida escolar e dos conhecimentos da vida privada e social. É necessário pensar a biblioteca escolar como um espaço de encontro, um espaço coletivo onde todos e cada um dos membros da comunidade escolar têm alguma coisa a fazer e um lugar para apontar. É a biblioteca escolar como o coração da escola, encarregada de oxigenar ideias, distribuindo e colocando em circulação as palavras que os estudantes e professores necessitam para a construção do conhecimento através de uma diversidade de materiais de leitura em formato, suporte, conteúdo e visão de mundo. (PÉREZ-BUENDÍA, 2016, p.16)

Outro aspecto que prejudicou o andamento das ações foi a questão dos recursos financeiros. Isso porque, ao solicitar materiais para as oficinas, organização de elementos para as feiras de ciências, transporte para os jovens, cópias dos contos, compra de livros literários alinhados a faixa etária dos adolescentes, somente uma pequena parte foi atendida. Notei que, mesmo requerendo com antecedência, os materiais muitas vezes foram entregues com atraso, resultando assim numa sequência de atrasos no desenvolvimento das etapas. Em razão disso, passei a adquirir a maior parte dos materiais com dinheiro próprio.

Uma das consequências foi o atraso do registro dos alunos nos diários de bordo, posto que deixaram de anotar informações importantes, além de ir contra a proposta do gênero textual, ou seja, relatar diariamente os acontecimentos.

5.7 As conquistas

No decorrer do ano, observei as mudanças na formação dos alunos participantes. Assinalei em algumas partes deste trabalho pontos positivos que ocorreram. Não irei retomá-los aqui, mas aproveitarei para mencionar outras conquistas resultadas desse esforço em conjunto.

A leitura trouxe o que esperávamos: aproximar os alunos da literatura e melhorar o rendimento escolar. Vimos que a maior parte do grupo não era leitora e, como professora desta turma desde o 7º ano, conhecia bem as dificuldades na escrita e leitura da turma.

Os participantes do grupo tinham bastante dificuldade para interpretar e compreender textos. Percebi progresso nas aulas de Língua Portuguesa, nos momentos das correções de atividades, a participação era maior em sala. Com base nas leituras realizadas fomos estudando os descritores, com essa abordagem pude notar melhor entendimento, também comprovado logo abaixo. Obviamente, nem todas as lacunas foram solucionadas, mas, comparados ao desempenho dos mesmos jovens no ano anterior, consegui ver progresso.

Um dos quesitos para se manter no grupo era ter bom rendimento em todas as disciplinas o que contribuiu bastante, pois assumiram com organização e responsabilidade o ritmo de estudo sugerido. Alguns professores de outras disciplinas mencionaram essa mudança. No gráfico a seguir vemos esse bom resultado:

Gráfico 1 - Desempenho dos Jovens Contadores de Histórias em avaliação externa



Fonte: elaboração da autora

Os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental não cursarão, em 2019, o Ensino Médio na mesma escola. Dentre as opções de escolas públicas, as mais conceituadas em Palmas são o IFTO e o Colégio da Polícia Militar – CPM, que disponibilizam um processo seletivo mediante à aprovação na prova.

O grupo de contadores de histórias tinha 12 integrantes no final do ano de 2018. Deste total, os alunos 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11 e 12, oito jovens, realizaram a prova da IFTO. Foram aprovados sete deles, o que demonstra 87,5% de aproveitamento e somente a Aluna 5 não conseguiu obter êxito.

Dos alunos que fizeram a prova, todos faziam parte do quadro dos que liam pouco, não tinha hábito de leitura. O envolvimento com a leitura ao longo do ano foi crescendo. Nitidamente, colaborou para o bom resultado.

Já os alunos 1, 2, 4 e 6 não tentaram fazer a prova em nenhuma das escolas citadas acima. A questão social teve bastante peso na decisão dessa parte do grupo. Os quatro jovens, que não se inscreveram, relataram suas razões, quais sejam: a Aluna 1 não poderia estudar em horário integral por causa da responsabilidade de cuidar da mãe enferma e de falta de verba para transporte; o Aluno 2 não teve dinheiro para pagar o transporte ao local de realização da prova; a Aluna 4 queria estudar perto da sua residência e a Aluna 6 afirmara que os pais iriam matriculá-la em um colégio da rede particular, também próximo a sua casa.

O fator financeiro foi uma barreira para alguns participantes, como para a Aluna 1. Ela teria muita chance de obter êxito e conseguiria manter-se no Instituto com bom desempenho, mas os gastos não seriam compatíveis com a renda familiar.

Numa outra vertente, conquistamos o prêmio do Circuito Aproxima, já mencionado. Foi um momento de expor para os demais professores da rede municipal experiências vividas com alunos e o trabalho em prol do incentivo à leitura. Esse circuito objetivou a socialização de ações exitosas nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática. Somente três trabalhos de cada área foram premiados. Expus ao grupo a ideia do circuito e recebi apoio, algo muito positivo pela relação que mantivemos durante toda trajetória.

Disso surgiu a participação em um documentário sobre os projetos premiados, realizado pela equipe de comunicação da SEMED de Palmas. No dia agendado, um cinegrafista e uma repórter foram à escola e entrevistaram a mim e a dois participantes do grupo. O retorno e o reconhecimento pelo trabalho aumentaram a procura de outros alunos em participar do projeto.

E não menos importante foi a parceria de uma ONG, que proporcionou grande alegria. Pensando na importância que a leitura tem para a vida, nos ofereceram livros emprestados para o trabalho com os jovens, em seguida doaram 1.200 exemplares, além de mobiliário como estante de ferro, mesas para computador, quadros móveis, cadeiras, expositores. Tiveram atenção para nossa comunidade escolar, inserida numa realidade de vulnerabilidade social. Ação bem quista e admirada por todos.

5.8 Continuidade do projeto

Heráclito postulou que “nenhum homem pode banhar-se no mesmo rio duas vezes, pois nem o homem, nem a água do rio serão os mesmos”. Assim como os jovens contadores de histórias não serão mais os mesmos.

Antes de mais nada, por terem passado por experiências de vida em que puderam agregar conhecimentos e sentimentos, exercitar a criatividade e protagonizar ações com fim de transformação social; não serão os mesmos também pela conclusão do ciclo do Ensino Fundamental. Contudo, expressaram o desejo de manter o grupo, tentar fazer encontros para não deixar de realizar essa ação. Um sentimento louvável e recíproco.

Parece-me mais viável continuar com o projeto através da criação de um novo grupo, com alunos do 8º ano, para que outras etapas além das de iniciação à contação de histórias sejam explanadas. Uma nova articulação com a equipe escolar será necessária para alinhar as ideias e evitar os erros cometidos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de criar um grupo com adolescentes, estudantes das séries finais, que contassem histórias para as crianças, necessitou de um levantamento inicial sobre o perfil de cada participante. Verificamos então que se tratava de um grupo de jovens que nunca tinha praticado tal ação conscientemente. Um grupo totalmente inexperiente para a narração e também para a leitura literária.

O projeto foi pensado há alguns anos e desenvolvido, em sua primeira versão, com uma turma de dez alunos. Apesar da forma simples e com menos recursos do que o grupo atual, o resultado foi fantástico. Vários adolescentes e até as crianças da escola procuravam participar no ano seguinte. Porém, por problemas laborais, preferi suspender o projeto por algum tempo. Mais especificamente, os alunos não foram o problema. Pelo contrário, foi sua solicitação e incentivo que me motivaram a reativar o projeto.

É visível a necessidade de atividades culturais na comunidade onde a escola está inserida. Nos eventos em que nos propomos a abrir os portões para a comunidade externa, a participação foi muito significativa.

Concluo que muitas vezes nossos jovens precisam de oportunidades para conhecer e ter contato com a arte. E tiram muito mais proveito disso do que podemos imaginar. A escola pode apresentar um outro lado da experiência cotidiana em uma sociedade marcada pelo crescimento da violência em grandes e pequenas cidades: um lado em que haja possibilidades de transformação e que alimente esperança.

Os ensinamentos e as aprendizagens ganhos com a contação de histórias mostram a importância que ela tem para toda vida: mexe com a imaginação e faz exercícios de reflexão, despertando a criticidade nos indivíduos. E também a empatia. O projeto não deixou dúvidas quanto à dimensão humanizadora da literatura, definição tão citada de Antonio Candido em seu escrito “O direito à literatura” (1975):

(...) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da

complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2004, p.180)

O trabalho com a leitura na escola consiste em uma tarefa desafiadora – falta de livros, biblioteca precária ou inexistente, pouco incentivo familiar, desinteresse. Encontrou-se aí o porquê utilizar a contação de história, pois

Apesar dos contratempos de todos os tipos que nos desencorajam, o antigo e grandioso processo de contar histórias nos coloca em contato com forças que podem ter sido esquecidas, sabedorias que podem ter esmaecido ou até mesmo desaparecido e esperanças que caíram na obscuridade. (MELLON, 2006, p.13)

As histórias proporcionam alegrias, retomam vivências e agregam conhecimentos multiculturais às gerações. Aproximam os indivíduos entre si. E foi positiva a aproximação entre o contador/educador e os ouvintes/educandos pela “trilha do enredo, pois ocorreu uma vibração recíproca de sensibilidade, a ponto de diluir-se o ambiente real ante a magia da palavra que comove e eleva” (COELHO, 2006, p.11).

Palavra esta que é algo muito significativo na vida do homem pois não funciona isoladamente. É na e pela palavra que se constrói a comunicação. A contação de história tem a intenção de dar vivacidade à narrativa e, para tanto, o contador assume uma *persona* que lhe permite expressar-se por meio da voz e dos gestos. O processo de aprendizagem leva à busca pela melhoria das condições sociais e mostra aos jovens que eles podem e devem protagonizar essas mudanças.

Criar oportunidades para que os jovens tenham contato com a arte e fazer dela seu instrumento para transformação social é algo que nos traz satisfação. A contribuição visível na mudança de comportamento e melhora no desempenho escolar justificou a importância da ação.

Pude entender então que a contação de histórias é uma estratégia que desperta o interesse pela leitura, estimula a imaginação e contribui para melhorias na escrita. É também uma das formas de ensinar habilidades essenciais como ler, escrever, interpretar, criticar, além de valores, disciplina e atitudes. O sucesso deste ou de qualquer outro trabalho está em não nos determos diante dos entraves ao longo do percurso e persistirmos.

7 CRONOGRAMA

PERÍODOS / ATIVIDADES	2017			2018												2019			
	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
Elaboração do projeto	X	X	X																
Entrega do pré-projeto			X																
Conversa dirigida nas turmas do 9º ano sobre a realização do projeto	X	X		X	X														
Confecção e escrita nos diários de bordo						X	X	X	X		X	X	X						
Aplicação dos questionários							X												
Encontros para formação de mediadores – contadores de histórias			X		X	X	X	X	X		X	X	X	X	X				
Leituras dirigidas			X		X	X	X	X	X		X	X	X	X	X				
Oficinas de artesanato - confecção de materiais			X				X	X	X			X	X						

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. Cultura letrada: literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2006.

ALVES, A. E.; ESPÍNDOLA, A. L.; MASSUIA, C. S. Oralidade, fantasia e infância: há lugar para os contos de fadas na escola? In: SOUZA, Renata Junqueira; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (org.). Literatura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: educação é a base. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj41YrVqY_hAhXhD7kGHdi9BIUQFjAAegQIABAC&url=http%3A%2F%2Fbasenacionalcomum.mec.gov.br%2Fwp-content%2Fuploads%2F2018%2F02%2Fbncc-20dez-site.pdf&usq=AOvVaw0NbDighBs9jDp78tmKHFy6. Acesso em: 06/01/2018.

BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. Manual de produção de textos acadêmicos e científicos. São Paulo: Atlas, 2013.

BUSATTO, Cléo. A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CANDIDO, Antonio. Vários escritos. Duas Cidades: São Paulo, Rio de Janeiro, 2004.

CAVALCANTI, Maria Clara. Formação do leitor: uma questão de jardinagem. Curitiba: Hum Publicações, 2016.

CHIAPPINI, Lúgia. Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. Coord.: BRANDÃO, Helena Nagamine. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

COELHO, Betty. Contar histórias: uma arte sem idade. – 10 ed. - São Paulo: Ática, 2006.

COLOMER, Teresa. Andar entre livros: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. Círculos de leitura e letramento literário. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

_____, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

DAMIANI, Magda Floriana (Org.). Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/3822/3074>>. Acesso em: 20/04/2017.

DOHME, Vania D' Angelo. Técnicas de contar histórias: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história. São Paulo: Informal editora, 2010.

FAILLA, Zoara. Retratos da leitura no Brasil. 4. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

FEBRACE. Diário de bordo. Disponível em: <<https://febrace.org.br/projetos/diario-de-bordo/#.XI-brtJv9PZ>>. Acesso em: 07/09/2018.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. Manual de normalização para elaboração de trabalho acadêmico-científicos da Universidade Federal do Tocantins. Palmas, TO: UFT, 2017.

GANDIN, Danilo. Escola e transformação social. 6. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

GOTLIB, Nádya Battella. Teoria do conto. 11 ed. São Paulo: Ática, 2006.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 2005.

_____, Marisa. Literatura: leitores e leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. O foco narrativo. Disponível em: <<https://archive.org/details/LigiaChiappiniMoraesLeiteOFocoNarrativoMarcado/page/n61>>. Acesso em: 01/02/2019.

MACHADO. Eduardo Pereira. Caminhos da literatura: alicerces para a leitura. In:

Línguas e letras: estudos literários, vol. 08, nº 14, 2007. Disponível em: <<https://www.e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/download/915/779>>. Acesso em: 27/04/2017.

MEDEIROS, V. S.; CARMO, Andréia Nascimento. Era uma vez: o conto maravilhoso, a Literatura Popular e a formação do leitor no Ensino Médio. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456146469.pdf>. Acesso em: 02/02/2019.

MELLON, Nancy. A arte de contar histórias. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

MORIN, Edgar. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. Trad.: Catarina Eleonora F. da Silva. 10 ed - São Paulo: Cortez; UNESCO, 2005.

PÉREZ-BUENDÍA, Rubém. Roteiros de leitura na escola: da biblioteca escolar à sala de aula. Curitiba: Hum Publicações, 2016.

PETIT, Michèle. Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

PLATÃO. A república. São Paulo: Martin Claret, 2004.

PRÓ-LIVRO; IBOPE INTELIGÊNCIA. Retratos da leitura no Brasil. 4ª ed. 2016. Disponível em: <<http://prolivro.org.br/home/index.php/atuacao/25-projetos/pesquisas/3900-pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil-48>>. Acesso em: 20/10/2017.

PROPP, Vladimir I. Morfologia do conto maravilhoso. Rio de Janeiro: CopyMarket.com, 2001.

RABÊLLO, Maria Eleonora D. Lemos. O que é protagonismo juvenil? Disponível em: <<http://www.cedeca.org.br/conteudo/noticia/arquivo/39da691a-fd4e-d119-3dae60914b0999ae.pdf>>. Acesso em: 04/05/2017.

RAPPAPORT, C.R. Modelo piagetiano. In RAPPAPORT; FIORI; DAVIS. Teorias do Desenvolvimento: conceitos fundamentais - Vol. 1. EPU; Brasília, DF, 1981.

ROCHA, Alessandro. Formação de mediadores de leitura: o sentido entre o texto e seu leitor. Curitiba: Hum Publicações, 2016.

ROWLING, J. K. Os contos de Beedle, o Bardo. trad.: Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SAMPAIO, Emilio Davi; BORGES, Iris Genaro. Leitura e cidadania: formação do leitor pela escola. Disponível em: <<http://www.unigran.br/interletras/edanteriores/n12/LEITURAECDADANIA.doc>>. Acesso em: 14/04/2017.

SILVA, Marcelo Soares Pereira da. Livro I - Planejamento: trabalho pedagógico e o cotidiano escolar. Disponível em: <<http://educadorasdeexcelencias.blogspot.com.br/2011/04/livro-i-planejamento-trabalho.html>>. Acesso em: 14/04/2017.

SIMONSEN, Michèle. O conto popular. Trad. Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1987.

TATAR, Maria. Contos de fadas: edição comentada e ilustrada. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

TODOROV, Tzvetan. A literatura em perigo. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

_____, Tzvetan. Introdução à literatura fantástica. São Paulo: Perspectiva, 1992.

YUNES, Eliana. Literatura e cultura: lugares desmarcados e ensino em crise. : lugares desmarcados e ensino em crise. In: OLINTO, Krieger; SCHOLLHAMMER, Karl Erik (org.). Literatura e cultura. Rio de Janeiro: Puc - Rio, 2003. Cap. 5. p. 37-62.

_____, Eliana. Professor leitor: uma aprendizagem e seus prazeres. Curitiba, PR: Hum Publicações, 2016.

9 APÊNDICES

APÊNDICE A – Proposta de Atividade para o Ensino Fundamental (anos finais): Contação de Histórias

Título: Sarau de histórias

Conto maravilhoso: Catarina, quebra-nozes

Estratégia/Recurso: Contar a história utilizando as imagens das personagens (Palitoche); colocar os alunos sentados no chão em semicírculo.

Prática de linguagem: Campo artístico-literário.

Objetos do conhecimento: Adesão às práticas de leitura
Estratégias de leitura
Apreciação e réplica

Habilidades: (EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infanto-juvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas,

autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

Público-alvo: 6º ano

Duração: 03 aulas (aproximadamente)

1º passo: Motivação

Nesse momento deve-se explicar o que irá acontecer, se já ouviram a história de Catarina, quebra-nozes, o que pensam a respeito do título, o que poderia ser essa história.

2º passo: Contação da história

Inicia-se a história apresentando a personagem principal, dando detalhes da sua beleza em comparação com a sua irmã (mostrando o palitochê das duas personagens). No decorrer da história, deve ser introduzido cada personagem mostrando seu respectivo palitochê. E finalizar a história, desacelerando a voz ou modificando a entonação.

3º passo: Conversa pós história

Abrir espaço para que os alunos se expressem sobre a história, o que acharam, o que foi novo, o que já conheciam, se há semelhança com outras histórias, etc. Cada conversa varia de acordo com o contexto de cada turma.

4º passo: Desafiar a turma

Nesse momento pode-se propor que em grupos, com 04 participantes em cada, prepare e apresente uma história. Para isso, deve-se:

- ✓ Separar 06 contos maravilhosos (sugerimos contos menos conhecidos: *Pequeno Polegar*, *Barba Azul*, *Pele de Asno*, *Rumpelstiltskin*, *O pé de zimbro* e *A leste do sol e a oeste da lua* – encontram-se todos no livro *Contos de fadas*, de Maria Tartar)

- ✓ Tirar cópias de cada conto pensando na quantidade de participantes por grupo;
- ✓ Entregar o mesmo texto para cada integrante do grupo e possibilitar a primeira leitura em sala de aula;

(Exemplo: o grupo A recebeu o conto Pequeno Polegar. Cada aluno do grupo terá a cópia do texto e deverá fazer a leitura silenciosa)

Solicitar que cada grupo fique em um canto da sala. Lá deverão fazer a primeira leitura. Em seguida, propor que planejem como deverão contar esse conto aos demais grupos.

A aula seguinte servirá para orientá-los quanto as formas de apresentação, para leitura compartilhada entre os alunos do grupo e ensaios.

5º passo: Sarau de histórias

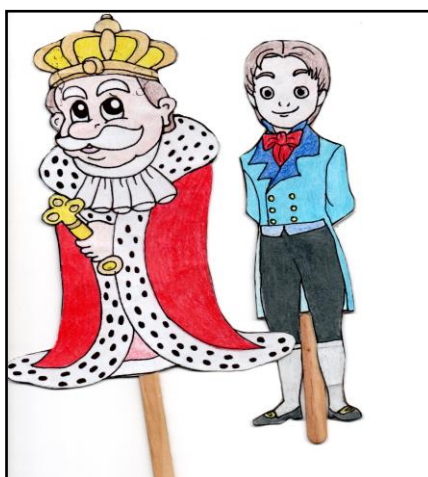
Na última aula, com a sala organizada em semicírculo, e alguns ornamentos para ambientação (puffs, almofadas, tapete – se possível), os grupos deverão apresentar os contos estudados.

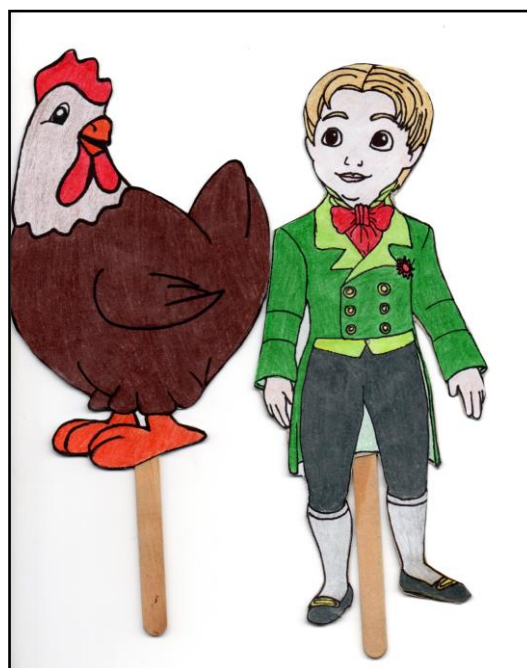
Observação: indicamos nesta proposta que ocorra o sarau na própria turma, mas dependendo do resultado, pode-se expandir e trabalhar como projeto com outras turmas, realizando as apresentações para toda a comunidade escolar.

6º passo: Autoavaliação

Realizar a socialização de todo o processo da atividade. Pedir que exponham o que cada um acertou e no que acha que deveria melhorar. A reflexão dos alunos a respeito de toda a ação possibilita analisar sua própria postura. Assim, podemos avaliar o progresso comportamental, os conhecimentos prévios e os adquiridos e as trocas de ideias referentes ao estudo do texto.

Personagens de Catarina, quebra-nozes – Palitoche





APÊNDICE B – Questionário elaborado e aplicado pelos Jovens Contadores de Histórias

1. Gosta de ler?

- a) sim
b) não
c) às vezes

2. Se a resposta for NÃO, por que não gosta de ler?

- a) leio porque sou obrigado/a
b) não me interessa em ler
c) sinto sono e desisto
d) não tenho tempo
e) porque acho chato
f) outra resposta que não foi mencionada. Descreva:

3. Se a resposta for SIM, aponte quais razões contribuíram para que você gostasse de ler.

- a) fui incentivado/a desde a infância
b) porque ouvia histórias
c) via as pessoas ao meu redor lendo

- d) não tinha outra forma de entretenimento
e) outra resposta que não foi mencionada. Descreva:

4. Você tem o hábito de ler fora da escola?

- a) sim b) não

5. Marque o (s) suporte (s) que gosta de ler?

- a) livro
b) revista informativa
c) jornal
d) histórias em quadrinho/mangá
e) sites da internet
f) outros que não foram mencionados. Descreva-os: _____

6. Você gosta de ler literatura?

- a) sim

b) () não

7. Marque os gêneros que mais o/a agradam.

- a) () poesia
- b) () conto/crônica
- c) () romance/novela
- d) () fábula/apólogo

8. Quantos livros você leu do ano passado até a presente data?

- a) () Nenhum
- b) () 1 a 3
- c) () 4 a 6
- d) () 7 a 9
- e) () 10 ou mais

9. Costuma ganhar livros de presente dos seus pais?

- a) () sim

b) () não

10. Faz uso da biblioteca da escola?

- a) () sim
- b) () não
- c) () às vezes
- d) () a biblioteca não tem o que preciso

11. A leitura é incentivada pelos professores de outras disciplinas além da disciplina de Língua Portuguesa?

- a) () sim
- b) () não

Se sim, de qual (s) disciplina (s)? _____

APÊNDICE C – O texto a seguir foi adaptado pelos jovens do grupo, baseados no conto Branca de Neve, Jacob e Wilhelm Grimm – retirado do livro Contos de fadas: edição comentada e ilustrada (TARTAR, 2013).

Branca de neve e os sete anões

Narrador: Era uma vez... em um reino muito distante, um castelo onde morava uma linda menina de pele branca, lábios vermelhos e cabelos negros. Morava também sua madrasta, uma mulher raivosa e má.

Branca De Neve: LÁ LÁ LÁ LÁ LÁ LÁ LÁ. Oiiiiiii criançada! Não escutei nadinha. Oiiiiiiiiiiiiiiii! Agora sim. Eu sou a Branca de Neve.

Madrasta: Não gosto dessa menina! Essa menina me dá raiva, cansa minha beleza. Por falar em beleza... Espelho, espelho meu... existe alguém mais bela do que eu?

Espelho: não minha rainha, você é a mais bela de todo reino!

Madrasta: nossa que novidade! Sempre serei a mais bela de todo reino HA HA HA HA HA

Narrador: alguns anos se passaram. Branca de neve foi crescendo. Um dia... quando a madrasta voltou a colocar-se em frente do espelho e perguntou:

Madrasta: espelho, espelho meu existe alguém mais bela do que eu?

Espelho: agora, minha rainha, a mais bela é Branca de neve.

Madrasta: como é possível? Apenas eu posso ser a mais bela!

Narrador: a madrasta furiosa mandou um caçador levar Branca de Neve para a floresta e matá-la. Mas o caçador ficou com muita pena e não matou, alertou a garota sobre o plano da madrasta e a deixou na floresta.

Branca de neve saiu desesperada até que anoiteceu e, muito medo, ela chorou tanto...

Branca de neve: buá, buá

Narrador: eu disse tanto...

Branca de neve: Buá, buá, buá, buá (Escandaloso)

Narrador: que acabou pegando no sono.

No outro dia de manhã, todos os animais viram Branca De Neve e a levaram para uma pequena casa.

Branca De Neve: nossa que bela casa! Mas ela é tão pequena.

Narrador: ao entrar na casa Branca De Neve se depara com pequenos móveis e uma grande bagunça.

Branca De Neve: não sei a quem essa casa pertence, mas não tenho onde ficar!

Narrador: Assim, Branca De Neve limpou a casa e cozinhou. Ficou tão cansada que foi tirar um cochilo.

Branca De Neve: não será um grande problema eu dormir. (Roncos)

Narrador: As camas eram muito pequenas. A garota juntou algumas camas e foi dormir.

No final da tarde, os sete anões chegaram em sua casa...

Sete anões: Eu vou, eu vou... pra casa agora eu vou... pararatimbum, pararatimbum... (2X)

Zangado: Quem limpou a casa?

Atim: quem... atimmm, fez o jantar?

Soneca: eu acho que encontraremos todas as respostas se fossemos dormir

(TODOS VÃO AO ENCONTRO DA BRANCA DE NEVE)

Branca De Neve: (Acordando) Desculpem-me! Não tenho onde ficar. Minha madrasta mandou me matar por não aceitar ser a mais bela do reino. Se vocês não permitirem que eu fique aqui, posso ir embora agora.

Mestre: Como poderíamos mandar você embora, menina? Depois de ter cozinhado e limpado tudo para nós.

Narrador: Conversaram muito...

(TODOS CONVERSANDO)

Narrador: Eu disse: Conversaram muitoooo...

(TODOS CONVERSANDO MAIS ALTO)

Narrador: Todos se cansaram e foram dormir. Enquanto isso, no castelo, a rainha perguntou novamente para o espelho...

Rainha: Espelho, espelho meu... existe alguém mais bela do que eu?

Espelho: Como havia dito antes, minha rainha, Branca De Neve é a mais bela.

Rainha: Como isso é possível? Eu mandei matá-la. Ahhhh, mas isso não ficará assim. Tenho um plano...

Narrador: A rainha se transformou em velhinha, tão feia, tão feia mesmo, igualzinho uma bruxa. Ela foi até a casa dos sete anões atrás da Branca De Neve. (TOC, TOC, TOC)

Branca De Neve: Quem é?

Bruxa: Eu sou só uma pobre velinha que estava passeando e encontrei essa humilde casa. Você poderia me dar um copo d'água? Esse Tocantins é quente! Não é mesmo pessoal?... viu? Eles concordam.

Branca De Neve: Sim! Vou buscar.

Bruxa: (surrurando para o público) Vou dar pra ela uma maçã envenenada. Com o feitiço, ela irá dormir eternamente. Eu sou má, muito má (risadas). Não contem nada pra ela, entenderam?

(VOLTA A BRANCA DE NEVE)

Bruxa: Muito agradecida. Não tenho nada para te oferecer como pagamento, mas pegue essa maçã. É muito gostosa pode comer, vamos... coma logo, coma.

(BRANCA MORDE A MAÇÃ E CAI NO SONO ETERNO. A BRUXA SAI RINDO)

Sete anões: Nossa! O que aconteceu com a Branca de neve? (E começam a chorar)

Zangado: Ela morreu! (Buaaaaaá) Tão linda...

Atim: O que... atim... faremos?

Narrador: Colocaram-na num caixão de vidro e ficaram velando a garota. Foi então que um príncipe que por ali passava viu o movimento.

Príncipe: o que houve com essa linda garota?

Mestre: nossos amigos animais disseram que uma bruxa a enfeitiçou. A pobre Branca está no sono eterno. Não sabemos o que fazer?

(O PRÍNCIPE SE APROXIMA DA BRANCA DE NEVE)

Príncipe: Como ela é linda. Se ao menos tivesse chegado antes... faria dela minha esposa. É uma pena... Que Deus a tenha... (BEIJA O ROSTO DE BRANCA E ELA ACORDA).

Branca de neve: o que houve?... Oh! Você me salvou!!!

Sete anões: Vivaaaaa!!!

Narrador: Branca de neve e o príncipe se apaixonaram, se casaram e viveram felizes para sempre!

E a rainha..... a rainha quebrou o espelho de raiva... teve sete anos de azar e se transformou na bruxa horrorosa que era...

FIM

APÊNDICE D – MODELO PARA ELABORAÇÃO DO DIÁRIO DE BORDOCAPA

NOME DA ESCOLA

Projeto Jovens contadores de histórias

DIÁRIO DE BORDO

Nome do/a aluno/a: _____

Professor (a): _____

Cidade, ano.

FOLHA DE ROSTO

NOME DA ESCOLA

Projeto Jovens contadores de histórias

DIÁRIO DE BORDO

Nome do/a aluno/a: _____

Professor (a): _____

Cidade, ano.

APRESENTAÇÃO – Pequeno esclarecimento sobre a proposta do projeto de leitura

APRESENTAÇÃO

ANEXOS DO DIÁRIO DE BORDO – Esses itens podem estar inseridos ao longo dos registros ou numa seção separada.

- Fotos das etapas
- Questionários elaborados
- Recortes de informações sobre a temática do projeto
- Ilustrações
- Tabelas

10 ANEXOS**ANEXO A – Fotos: Aprendendo a confeccionar *puffs* de pneu**

Identificação dos participantes do grupo



Estante móvel de caixotes de feira e livros recebidos de doação



Primeiros encontros do grupo



Realização das leituras dos contos maravilhosos



Aplicação do questionário sobre leitura nas turmas do 1º ano vespertino



Análise dos dados coletados por meio do questionário



Confecção da casinha de doces, personagens, reforma da casinha de fantoches e organizações em geral





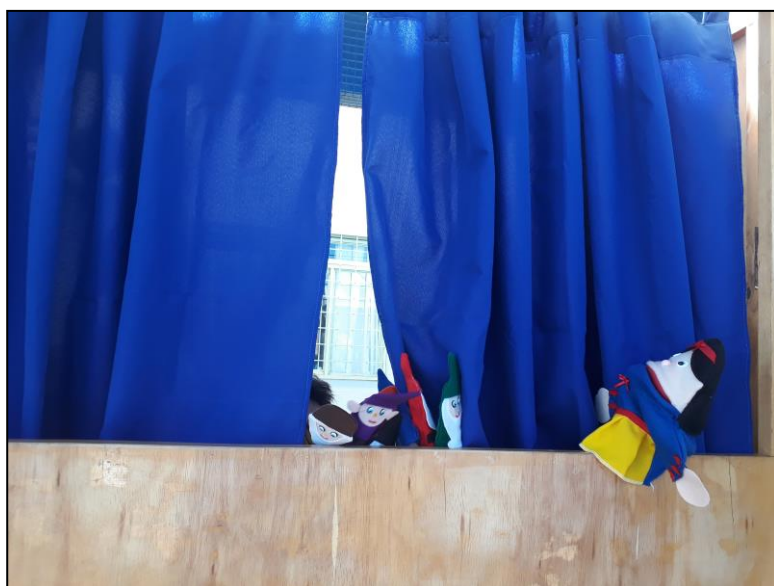








Ensaio





Apresentação nas turmas do 1º ano





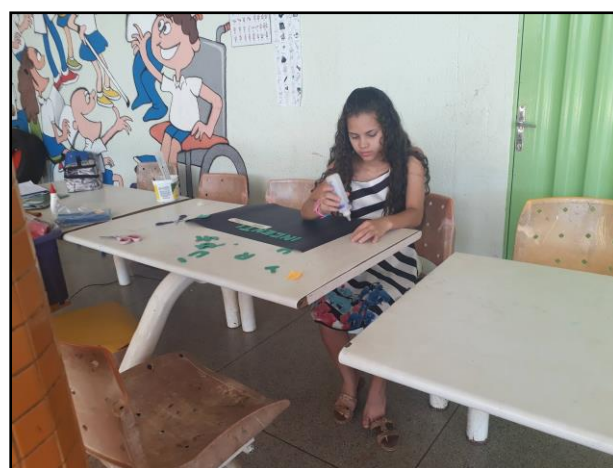
Doações recebidas pelo projeto





Oficina – Confeção de *Puff* e organização para as feiras de ciências





Feira de ciências da Escola Municipal Maria Rosa de Castro Sales - FECMAR







Apresentação no CMEI Cantinho da Alegria



Aniversário da Escola



Participação na FECIT





ANEXO B – Os textos a seguir foram versões contemporâneas usadas no estudo feito com participantes. Retirei do site: https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/o_pequeno_polegar .

O Pequeno Polegar

Houve, uma vez, um camponês que, estando durante a noite sentado junto da lareira atizando o fogo, disse à mulher que fiava aí ao lado: - Como é triste não ter filhos! Nossa casa é tão silenciosa, ao passo que nas outras há tanto barulho e alegria!

- E' verdade, - respondeu a mulher, suspirando, - mesmo que tivéssemos um único filho, nem que fosse do tamanho deste polegar, eu já me sentiria feliz, e o amaríamos de todo o coração.

Ora, aconteceu que a mulher começou a sentir-se indisposta e, passados sete meses, deu à luz um menino, perfeitamente formado, mas do tamanho de um polegar. Então, denominaram-no: Pequeno Polegar.

Os pais alimentavam-no o melhor possível, mas o menino não cresceu; ficou do mesmo tamanho que tinha ao nascer. Contudo, ele tinha um olhar muito inteligente e, bem cedo, revelou-se criança vivaz e esperta, sabendo sair-se bem em todos os empreendimentos.

Um dia, o camponês estava se aprestando para ir à floresta rachar lenha; então, disse de si para si:

- Como gostaria que alguém me fosse buscar com o carro para trazer a lenha!

- Ah, papai, - exclamou o Pequeno Polegar, - eu irei! Fica sossegado, levarei o carro e chegarei lá na hora certa.

O homem pôs-se a rir e disse:

- Como é isso possível? Tu és muito pequeno para segurar as rédeas e guiar um cavalo!

- Não faz mal, papai. Se a mamãe o atrelar, eu me sento na orelha do cavalo e lhe digo como e aonde deve ir.

- Está bem! - respondeu o camponês; - por uma vez, podemos experimentar.

Quando estava na hora, a mãe atrelou o cavalo, sentou Polegar numa de suas orelhas e o petiz ia-lhe gritando como e aonde devia ir: "Ei, aí! Arre, irra!"

O cavalo andava direito como se fosse guiado por um cocheiro e o carro seguia o caminho certo para a floresta. Eis que, justamente numa curva, quando o pequeno gritava ao cavalo para virar à esquerda, passaram por aí dois forasteiros.

- Grande Deus! - disse um deles - que é isso? Aí vai um carro e o cocheiro que grita para o cavalo ó invisível!

- Isso não é normal, - disse o outro, - vamos seguir o carro e ver aonde vai parar.

O carro entrou direito na floresta e foi aonde estava a lenha rachada. Quando Polegar viu o pai, gritou-lhe:

- Eis-me aqui, papai! Trouxe o carro, viste? Agora vem descer-me.

O pai segurou o cavalo com a mão esquerda e, com a direita, tirou o filhinho de sua orelha; todo satisfeito, o menino foi sentar-se num galhinho.

Quando os dois forasteiros viram o Pequeno Polegar, ficaram tão admirados que não sabiam o que dizer. Então, um deles chamou o outro de lado e disse:

- Escuta, aquele pimpolho poderia fazer a nossa fortuna se o exibíssemos a pagamento numa grande cidade. Vamos comprá-lo!

Aproximaram-se do camponês e disseram-lhe:

- Vende-nos esse anãozinho, nós o trataremos bem e ele se sentirá feliz conosco.

- Não! - respondeu o pai. - Ele é a raiz do meu coração, jamais o venderia, nem por todo o ouro do mundo.

Mas o Pequeno Polegar, ouvindo esse negócio, trepou pelas dobras da roupa do pai, sentou-se no seu ombro e sussurrou-lhe ao ouvido:

- Papai, podes vender-me; eu saberei voltar outra vez.

Assim, depois de muito discutir, o pai deu-o aos homens em troca de muitas moedas de ouro.

- Onde queres que te ponha? - perguntou um dos homens.

- Senta-me na aba do teu chapéu, aí eu poderei passear à vontade e admirar toda a região sem perigo de cair.

Fizeram-lhe a vontade. Polegar despediu-se do pai, e, em seguida, foram andando. Andaram até ao escurecer; aí o pequeno disse:

- Põe-me no chão um pouquinho; estou precisando.

- Podes ficar aí mesmo, - disse o homem, - não tem importância. Também os passarinhos de vez em quando deixam cair alguma coisa na cabeça da gente!

- Não, - insistiu o pequeno Polegar, - conheço bem as conveniências; desce-me depressa!

O homem tirou o chapéu e pôs o pequeno num campo à margem da estrada. O pequeno, então, meteu-se por entre os torrões de terra, saltitando de cá para lá e, de repente, resvalou para dentro de um buraco de rato, o que justamente estava procurando.

- Boa noite, senhores! podeis continuar vosso caminho sem mim! - gritou-lhes galhofeiro o petiz.

Os dois homens correram e sondaram o buraco com um pau, mas foi trabalho perdido. Polegar ia resvalando sempre mais para o fundo e, como logo desceu a noite, escura como breu, os homens tiveram de partir, cheios de raiva e com a bolsa vazia. Quando Polegar se certificou de que os homens tinham ido embora, saiu da galeria subterrânea. "E' perigoso andar pelos campos no escuro! - disse. - A gente pode quebrar o pescoço ou uma perna!"

Por sorte sua, encontrou um caramujo. "Graças a Deus! - disse ele; - aqui poderei passar a noite em segurança!" E meteu-se dentro dele.

Pouco depois, já ia adormecendo, quando ouviu passar dois homens, um dos quais dizia:

- Como faremos para tirar o ouro e a prata do rico Vigário?

- Eu te poderei ensinar, - gritou o pequeno Polegar.

- Que é isso? - disse assustado um dos ladrões. - Ouvi alguém falar!

Pararam e puseram-se a escutar; então Polegar repetiu:

- Levai-me convosco, eu vos ajudarei.

- Mas, onde estás?

- Procurai no chão e prestai atenção de onde sai a minha voz.

Finalmente, depois de muito procurar, os ladrões encontram-no e o apanharam.

- Tu, tiquinho de gente, como podes nos ajudar! - disseram eles.

- Escutai, - disse o pequeno, - eu entrarei pela grade da janela no quarto do Senhor Vigário e vos entregarei o que quiserdes.

- Está bem! - disseram os ladrões; - vamos ver para que serves.

Quando chegaram à casa paroquial, Polegar insinuou-se pelas grades e entrou no quarto; uma vez dentro, pôs-se a gritar com todas as forças de seus pulmões:

- Quereis tudo o que há aqui?

Os ladrões alarmaram-se e disseram:

- Fala baixo, não acordes ninguém!

Mas Polegar fingiu não ter compreendido e gritou outra vez:

- Que quereis? Quereis tudo o que há aqui?

A cozinheira, que dormia no quarto ao lado, ouviu, sentou-se na cama e ficou escutando. Assustadíssimos, os ladrões fugiram; tendo corrido até bastante longe criaram coragem e pensaram: "Aquele tiquinho nos está arreliando!" Então voltaram e sussurraram-lhe através da grade:

- Deixa de brincadeira e passa-nos qualquer coisa.

Polegar então gritou mais alto ainda:

- Dar-vos-ei tudo, mas estendei as mãos aqui para dentro.

A empregada, que estava a escutar, ouviu-o distintamente; então pulou da cama e, tropeçando, foi até ao quarto. Os ladrões fugiram precipitadamente, correndo como se tivessem o diabo aos calcanhares. A mulher, não vendo

nada, foi acender uma vela; quando voltou, Polegar, sem ser visto, escapuliu para o paiol de feno. Após ter vasculhado inutilmente todos os cantos, a empregada voltou novamente para a cama, julgando ter sonhado de olhos abertos.

Polegar, trepando pelas hastes de feno, encontrara um excelente lugar para dormir. Tencionava descansar até dia feito e depois regressar à casa dos pais. Mas aguardavam-no outras experiências! Sim, o mundo está cheio de sofrimentos e atribulações!

De madrugada, a criada levantou-se para dar comida aos animais. Dirigiu-se em primeiro lugar ao paiol, apanhou uma grande braçada de feno, justamente aquele onde se encontrava Polegar dormindo. Este dormia tão profundamente que não percebeu nada e foi acordar somente na boca da vaca, que o pegara junto com o feno.

- Deus meu! – exclamou ele, - como fui cair dentro do pilão!

Logo, porém, deu-se conta do lugar em que estava. E quanta atenção lhe foi necessária para desviar-se dos dentes a fim de não ser triturado! Mas sempre acabou escorregando para dentro do estômago da vaca.

- Esqueceram de colocar janelas neste quartinho, - disse, - e não penetra sequer um raio de sol; além disso ninguém trás um lume!

O apartamento não lhe agradava absolutamente; mas o pior era que, pela porta, continuava a entrar sempre mais feno, e o espaço restringia-se cada vez mais. Por fim, amedrontado, gritou com toda a força de que dispunha:

- Não me tragam mais feno! Não me tragam mais feno!

A criada estava justamente mungindo a vaca; ouviu a voz falar e não viu ninguém; reconheceu a mesma voz que ouvira durante a noite e assustou-se tanto que escorregou do banquinho e entornou todo o leite.

Correu para casa gritando ao patrão:

- Meu Deus, reverendo, a vaca falou!

- Quê? Enlouqueceste? - disse o vigário.

Contudo, foi pessoalmente ao estábulo ver o que se passava. Mal havia posto o pé dentro, Polegar tornou a gritar:

- Não me tragam mais feno! Não me tragam mais feno!

O vigário, então, assustou-se também e julgou que havia entrado um espírito maligno na vaca. Mandou logo matá-la. Uma vez abatida, pegaram o estômago e atiraram-no na estrumeira.

Com grande dificuldade, Polegar conseguiu abrir caminho e avançar; mas, justamente quando ia pondo a cabeça para fora, sobreveio-lhe outra desgraça. Um lobo esfaimado, que ia passando por aí, agarrou o estômago da vaca e engoliu-o todo de uma só vez.

Polegar não desaminou. "Talvez o lobo me dê atenção" pensou, e gritou-lhe de dentro da barriga:

- Meu caro lobo, eu sei onde poderás encontrar um petisco delicioso.

- Onde? - perguntou o lobo.

- Numa casa assim e assim; tens que trepar pelo cano e aí encontrarás bôlo, linguiça e toucinho à vontade; - e descreveu-lhe detalhadamente a casa do pai.

O lobo não o fez repetir duas vezes; durante a noite trepou pelo cano, penetrou na despensa e lá comeu até fartar-se.

Quando ficou satisfeito, quis sair, mas tinha engordado tanto que não conseguiu voltar pelo mesmo caminho.

Era justamente com isso que Polegar contava; e desandou a fazer um barulhão na barriga do lobo, batendo os pés e vociferando o mais que podia.

- Queres calar-te? - disse-lhe o lobo, - acabas por acordar todo mundo!

- Como! - respondeu Polegar. - Tu te empanturraste à vontade e eu quero me divertir!

E voltou a gritar com todas as forças. Por fim o pai e a mãe acordaram, correram à despensa e espiaram por uma fresta. Vendo que era o lobo, precipitaram-se, um com o machado e o outro com a foice.

- Fica atrás de mim, - disse o marido, - se não o matar com a primeira

machadada, tu corta-lhe a barriga com a foice.

Ouvindo a voz do pai, Polegar gritou:

- Querido papai, eu estou aqui, dentro da barriga do lobo!

- Deus seja louvado! - gritaram os pais muito contentes. - O nosso querido filhinho voltou.

Mandou a mulher guardar a foice para não machucar o pequeno Polegar; depois, erguendo o machado, desferiu um terrível golpe na cabeça do lobo, prostrando-o morto no chão. Em seguida, munidos de uma faca e de uma tesoura, cortaram-lhe a barriga e tiraram o pequeno para fora.

- Ah, - disse o pai, - como estivemos aflitos por tua causa!

Rosicler (A Bela Adormecida no Bosque)

Houve, uma vez, um rei e uma rainha que diariamente diziam: "Ah, se tivéssemos um filho!" Mas o filho não havia meios de chegar. Certo dia, estava a rainha tomando banho e eis que da água pula uma rã dizendo-lhe:

- Teu desejo se realizará; antes que tenha decorrido um ano, terás uma menina.

A profecia da rã confirmou-se e a rainha teve uma menina tão linda que o rei não cabia em si de alegria e organizou uma esplêndida festa. Não só convidou os parentes, amigos e conhecidos, como também as fadas, para que fossem propícias e benévolas para com a recém-nascida. No reino, havia treze fadas, mas ele dispunha só de doze pratos de ouro para o banquete; portanto, uma delas teve de ficar em casa.

A festa foi realizada com o maior esplendor o, quando estava para terminar, as fadas dotaram a menina de dons maravilhosos. A primeira dotou-a com a virtude, a segunda com a beleza, a terceira com a riqueza, e, assim por diante, com tudo o que se possa desejar no mundo. Onze fadas haviam formulado o seu dom quando,

- Sim, papai, andei muito por esse mundo; agora, graças a Deus, respiro novamente ar puro.

- Mas onde estiveste?

- Oh, estive num buraco de ratos, no estômago de uma vaca e na barriga de um lobo. Agora quero ficar para sempre com meus queridos pais!

- E nós não te venderemos mais nunca, nem por todo o ouro do mundo, - disseram os pais, abraçando e beijando ternamente o filhinho querido.

Depois deram-lhe de comer e beber e tiveram de mandar fazer novas roupas para ele, porque as que vestia se haviam estragado, completamente, durante a viagem.

repentinamente, chegou a décima terceira.

Queria vingar-se por não ter participado da festa e, sem olhar e sem cumprimentar ninguém, disse em voz alta:

- Aos quinze anos, a princesa espetará o dedo com um fuso e cairá morta.

Sem acrescentar mais nada, virou as costas e saiu da sala.

Entre a consternação geral, adiantou-se a décima segunda fada, que ainda não havia formulado o voto e, como não podia anular o cruel decreto, apenas mitigá-la disse:

- A princesa não morrerá, mas cairá em sono profundo, que durará cem anos.

O rei, que desejava a todo custo preservar a filhinha querida de tal desventura, deu ordens para que se queimassem todos os fusos existentes no reino.

Os demais dons das fadas confirmaram-se; a menina era tão linda, amável, gentil e inteligente, que era impossível olhar para ela sem admirá-la e querer-lhe bem. Eis que, justamente no dia em que completou quinze anos, estando o rei e a rainha ausentes, ela ficou sozinha no castelo. Perambulou, então, por toda parte, inspecionou à vontade todos os aposentos e, por fim, foi dar a uma

antiga torre. Subiu por estreita escada de caracol e chegou diante de uma porta. Na fechadura, estava uma chave enferrujada e, quando a girou, a porta abriu-se, deixando ver um pequeno tugúrio, onde uma velha, sentada diante de sua roca com o fuso, fiava ativamente o linho.

- Boa tarde, avozinha, - disse a princesa, - que estás fazendo?

- Estou fiando, - disse a velha, acenando-lhe com a cabeça.

- O que é isso que gira tão engraçado?

- perguntou a menina, e pegou o fuso para experimentar se sabia manejá-lo. Mas, apenas tocou nele, realizou-se a predição da fada e ela espetou o dedo. No mesmo instante em que sentiu a picada, caiu na cama que ali estava e mergulhou em sono profundo.

Esse sono propagou-se por todo o castelo: o rei e a rainha, regressando nesse momento, adormeceram na sala assim como toda a corte.

Dormiam os cavalos na estrebaria, os cães no terreiro, os pombos no telhado, as moscas na parede; até o fogo, que flamejava na lareira, apagou-se e adormeceu; o assado cessou de cozer e o cozinheiro, que tentava agarrar pelos cabelos um ajudante, também adormeceu nessa posição. O vento paralisou-se e, nas árvores diante do castelo, não se mexeu mais nenhuma folhinha.

Em volta do castelo cresceu, então, uma sebe de espinhos, que cada ano se tornava mais alta e acabou por circundá-lo e cobri-lo todo, de maneira que não se via mais nada dele, nem mesmo a flâmula hasteada sobre o teto. Na região, espalhou-se a lenda da bela Rosicler ou, da Bela Adormecida no Bosque, como ficou sendo denominada a princesa. De vez em quando, aparecia algum príncipe tentando atravessar o espinheiro para penetrar no castelo, mas não o conseguia, pois o espinheiro impedia-os como se tivessem mão, e os segurasse; assim os jovens ficavam emaranhados e, não podendo desvencilhar-se, acabavam morrendo de morte horrível. Decorridos muitos e

muitos anos, chegou à região um príncipe; ouvira um velho falar no espinheiro, dizendo que atrás dele havia um castelo onde belíssima princesa, chamada Rosicler, dormia há cem anos, e com ela dormiam o rei, a rainha e toda a corte. O príncipe já ouvira seu avô contar que muitos príncipes haviam tentado atravessar o espinheiro, mas que ficaram emaranhados e acabaram morrendo horrivelmente. Então, o príncipe disse:

- Eu não temo coisa alguma; abrirei uma brecha no espinheiro e chegarei onde se encontra a Bela Adormecida.

Não deu atenção ao bom velho, que tentou, por todos os meios, dissuadi-lo da empresa. E, justamente, haviam decorrido os cem anos, tendo chegado o dia em que a Bela Adormecida devia despertar.

Quando o príncipe se aproximou do espinheiro, viu que estava todo coberto de grandes e belíssimas flores que, espontaneamente, se separaram para deixá-lo passar ileso, fechando-se depois às suas costas. No pátio do castelo deparou com cavalos e cães de caça malhados, dormindo, estendidos no chão; no telhado viu os pombos com a cabecinha debaixo da asa, também dormindo. Ao penetrar no interior do castelo, viu as moscas dormindo, grudadas na parede; na cozinha, o cozinheiro na mesma atitude em que fora colhido pelo sono e a criada sentada diante da galinha preta que estava depenando. Continuou andando e na sala viu toda a corte dormindo e, recostados no trono, jaziam adormecidos, também, o rei e a rainha. Mais além, o silêncio era tão completo que ele ouvia sua própria respiração: finalmente, foi dar à velha torre e abriu a porta do tugúrio onde dormia a princesa.

Ela estava deitada e era tão linda que o príncipe não conseguia despregar os olhos; inclinou-se e deu-lhe um beijo. Com aquele beijo, a Bela Adormecida abriu os olhos, despertou e fitou-o sorrindo amavelmente.

Ele tomou-a pela mão e juntos desceram à sala; então o rei, a rainha e

toda a corte despertaram também, olhando-se pasmados uns aos outros. Os cavalos no pátio levantaram-se e relincharam; os cães de caça espreguiçaram-se agitando os rabos; os pombos no telhado tiraram a cabecinha de sob as asas, olharam em volta e saíram voando para os campos; as moscas voltaram a esvoaçar; o fogo na cozinha reavivou-se, tornou a

crepitar e continuou a cozer a comida; o assado tornou a chiar; o cozinheiro deu no ajudante o safanão retardado, fazendo-o gritar, e a criada acabou de depenar a galinha.

Depois, realizaram-se com grande fausto as núpcias do príncipe com a Bela Adormecida, os quais viveram muito felizes até o fim de sua vida.